UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

KELSO BELÉM LIMA

RESGATANDO A IDEIA DAS INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS DO ESTEREÓTIPO DO DETERMINISMO GEOGRÁFICO

Brasília
2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

KELSO BELÉM LIMA

RESGATANDO A IDEIA DAS INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS DO ESTEREÓTIPO DO DETERMINISMO GEOGRÁFICO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de Brasília (UnB), como parte das exigências para a obtenção dos títulos de Licenciada e Bacharel em Geografia.

Orientador:
Prof. Dr. Dante Flávio Reis Júnior

Brasília
2022

KELSO BELÉM LIMA

RESGATANDO A IDEIA DAS INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS DO ESTEREÓTIPO DO DETERMINISMO GEOGRÁFICO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de Brasília (UnB), como parte das exigências para a obtenção dos títulos de Licenciada e Bacharel em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Dante Flávio Reis Junior (GEA - UnB)

Gloria M. Vargas López de Mesa (GEA - UnB)

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo (Secretaria de Educação - DF)

Universidade de Brasília

FORMULÁRIO

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de Geografia

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Aluno: **Kelso Belém Lima**

Matrícula: **18/0137450**

Título: "***Resgatando a ideia das influências ambientais do estereótipo do determinismo geográfico***"

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.	DANTE FLAVIO DA COSTA REIS JUNIOR	(Orientador - GEA)
Profa. Dra.	GLORIA MARIA VARGAS LÓPEZ DE MESA	(GEA-UnB)
Prof. Dr.	GILVAN C. CERQUEIRA DE ARAÚJO	(SEE-DF)

Resultado:

A Comissão Examinadora, em **29/09/2022** após apresentação da Monografia de Graduação, por videoconferênca plataforma Teams e argüição do (a) aluno (a), decidiu:

Pela Aprovação da Monografia - (X) Menção atribuída ___SS___	Pela Reprovação da Monografia ( ) Menção atribuída _____

Brasília, 29 / 09 /2022

Documento assinado eletronicamente por **Dante Flavio da Costa Reis Junior**, **Professor(a) de Magistério Superior do Instituto de Ciências Humanas**, em 29/09/2022, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Gloria Maria Vargas Lopez de Mesa**, **Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas**, em 29/09/2022, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Gilvan Charles Cerqueira de Araújo**, **Usuário Externo**, em 29/09/2022, às 23:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8715546** e o código CRC **17F961EA**.

Referência: Processo nº 23106.111977/2022-92 SEI nº 8715546

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, , Brasília/DF, CEP 70910-900
Telefone: e Fax: @fax_unidade@ - http://www.unb.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram no desenvolvimento deste trabalho.

Particularmente, agradeço principalmente ao meu irmão, Paulo, à minha mãe, Maricelia e ao meu pai, Renato, por sempre terem me apoiado e por terem me dado a oportunidade de chegar até aqui. Sem vocês, eu não seria ninguém.

Agradeço à minha namorada, Sara, por todo o suporte e ajuda com as citações. Obrigado aos amigos Caio Martins, Gabriel Almeida, Davi Magalhães, Leonardo Chaves, Leonardo Luiz, Felipe Soares, Dilan Sousa, Giovanna Bernardes, Maria Eduarda Cicci, Lorena Gontijo e Daniel Araújo pelas dicas, sugestões e conselhos durante a minha caminhada na universidade.

Agradeço à Universidade de Brasília pela oportunidade de uma educação de qualidade e ao professor Dante pela orientação extraordinária.

Eu não construo novos ídolos; os velhos que aprendam o que significa ter pés de barro. Derrubar ídolos (minha palavra para "ideais") — isto sim é meu ofício.[1]

F. Nietzsche

[1] Nietzsche, Friedrich. Ecce homo.

RESUMO

Ficou estabelecido que dentro da Geografia Tradicional existe uma dicotomia: de um lado a escola alemã determinista, inaugurada por F. Ratzel; do outro, a escola francesa possibilista, inaugurada por P. V. de La Blache. Supostamente, a escola de Ratzel, ao se valer da ideia das influências ambientais, deu à geografia a função de determinar a vida coletiva, sendo o ser humano um agente passivo; enquanto a escola de La Blache dá à geografia a função de possibilitar a inventividade humana, sendo o ser humano um agente ativo. Entretanto, esta dicotomia é falsa e está criada em bases ideológicas, corporativistas e nacionalistas. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é resgatar a ideia das influências ambientais do estereótipo do determinismo geográfico. Para isso, desenvolvemos uma tríade de argumentos. Primeiro, o termo "determinismo" é equivocado: não deve ser utilizado como sinônimo de "influência", nem ao lado do termo "geográfico"; filosoficamente e semanticamente, "influência" denota uma causa que age de modo gradual e que coopera com outras causas, e "determinismo geográfico" induz uma capacidade de prever mecanicamente o futuro a partir da geografia, habilidade essa que nunca foi defendida por Ratzel. Segundo, a dicotomia determinismo-possibilismo é falsa, criada por um partidário de La Blache com o objetivo de descredibilizar e descapacitar a Antropogeografia e a Geografia Política de Ratzel, quanto às suas capacidades de tratar do desenvolvimento das dinâmicas históricas e sociais. Terceiro, tomando uma obra como exemplo, é possível usar a geografia de modo adequado para investigar e explicar, inclusive numa escala mais ampla, o rumo da história - por exemplo, por que a Europa colonizou as Américas e não o contrário? Por fim, concluímos que é possível resgatar a ideia das influências ambientais e geográficas do estereótipo apressado do determinismo geográfico e reabilitá-la como ferramenta do geógrafo contemporâneo.

Palavras-chave: influência ambiental/geográfica; falsa dicotomia determinismo-possibilismo; história do pensamento geográfico.

ABSTRACT

It was established that within Traditional Geography there is a dichotomy: on the one hand, the deterministic German school, inaugurated by F. Ratzel; on the other side, the French Possibilist school, inaugurated by P. V. de La Blache. Supposedly, Ratzel's school, by making use of the idea of environmental influences, gave geography the function of determining collective life, with the human being as a passive agent; while the school of La Blache gives geography the function of enabling human inventiveness, with the human being as an active agent. However, this dichotomy is false and is created on ideological, corporatist and nationalist bases. In this sense, the objective of this research is to rescue the idea of environmental influences from the stereotype of geographic determinism. For this, we developed a triad of arguments. First, the term "determinism" is misleading: it should not be used synonymously with "influence", nor alongside the term "geographic"; philosophically and semantically, "influence" denotes a cause that acts gradually and cooperates with other causes, and "geographical determinism" induces an ability to mechanically predict the future from geography, a skill that was never championed by Ratzel. Second, the determinism-possibilism dichotomy is false, created by a supporter of La Blache with the aim of discrediting and disabling Ratzel's Anthropogeography and Political Geography in terms of their ability to deal with the development of historical and social dynamics. Third, taking a book as an example, it is possible to use geography properly to investigate and explain, even on a broader scale, the course of history, such as why Europe colonized the Americas and not the other way around? Finally, we conclude that it is possible to rescue the idea of environmental and geographic influences from the hasty stereotype of geographic determinism and rehabilitate it as a tool for the contemporary geographer.

Keywords: environmental/geographical influence; false determinism-possibilism dichotomy; history of geographic thought.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Centros de origem e áreas de extensão da revolução agrícola neolítica …… p. 71

SUMÁRIO

PRELÚDIO……..……...… **10**

CAPÍTULO I - EQUÍVOCO SEMÂNTICO-TEÓRICO-CONCEITUAL ACERCA DO TERMO "DETERMINISMO GEOGRÁFICO" ……..……..... **23**

CAPÍTULO II – FALSA DICOTOMIA DETERMINISMO-POSSIBILISMO ……..... **40**

CAPÍTULO III – ARMAS, GERMES E AÇO, DE JARED DIAMOND: UM EXEMPLO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS ...…....… **59**

CONSIDERAÇÕES FINAIS ……**77**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS……....…. **79**

PRELÚDIO[2]

Iluminando o tema

Friedrich Ratzel *versus* Paul Vidal de Blache: com certeza, todo geógrafo conhece esse embate. Determinismo *versus* Possibilismo, são os conceitos-chaves que inauguram o primeiro embate de ideias após a institucionalização da Geografia por Karl Ritter. Mas o embate é mais uma ficção do que algo real. Diversos estudiosos interessados na história da nossa ciência já demonstraram a insustentabilidade da dicotomia entre as duas propostas (CARVALHO Jr. & MORAES, 2017; FREEMAN apud LEWTHWAITE, 1961; MERCIER, 2011; PLATT, 1948; TAYLOR (1945) LEWTHWAITE, 1966; SPETH, 1978; SPROUT & SPROUT, 1957. Na sua extensa, e necessária, tese para obtenção do título de doutor em Geografia, Carvalho Jr. (2011) se aprofunda na investigação acerca da concepção da Teoria das Influências Ambientais a fim de resgatá-la de um "emaranhado semântico" e uma crítica equivocada que colocou a teoria sob roupagem estereotipada que menospreza obras e autores. Na verdade, é um pouco complicado chamá-la de "teoria", pois não há um método específico utilizado pelos seus pesquisadores, portanto, irei usar o termo "ideia" no lugar de "teoria". A tese de Carvalho está em harmonia com a proposta deste projeto, no intuito de reabilitar a Ideia das Influências Ambientais como mais um instrumento de pesquisa na Geografia.[3]

Apesar do rótulo "determinista" existir, é raro vermos algum trabalho mais extenso concentrado na crítica à Ideia, e mais comum apenas menções de cunho pejorativo e de menosprezo, como algo necessariamente negativo.[4] Nesse sentido, nos é apresentado uma dissonância entre a crítica e a ausência de trabalhos que a sustentem. O mais comum é vermos cada vez mais trabalhos justamente com o mesmo objetivo deste: resgatar o conceito de uma crítica rotulística e equivocada.

A criação da dicotomia e dos rótulos é de autoria francesa, mais especificamente, do

---

[2] A escolha da palavra "prelúdio" para o nome desse capítulo tem um significado implícito, além do significado formal de *introdução*. A intenção é remeter ao título de uma obra de Nietzsche, *Jenseits von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft (1886),* Geralmente traduzido para o português como *Além do Bem e Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro* (NIETZSCHE, 2005). Essa referência se dá em razão da sensação de rejeição, no presente, causada pela natureza do tema que escolhi para minha pesquisa. Mas ao mesmo tempo, causa a sensação de que no futuro haja uma aceitação.

[3] CARVALHO Jr., 2011.

[4] CARVALHO Jr; MORAES SOBRINHO, 2017, p. 170

aluno de La Blache, Lucien Febvre.[5] Particularmente, entre Ratzel e La Blache não havia atrito, mas apenas uma rivalidade acadêmica, pois os dois eram considerados expoentes da Geografia em suas respectivas pátrias — Alemanha e França. Pelo contrário, referiam-se um ao outro com cordialidade e respeito pelos trabalhos desenvolvidos[6], inclusive concordando em muitos aspectos.[7]

É interessante saber como deve ser interpretado o termo *dicotomia* ao longo do texto. Como indicado por Lalande (1993, p. 257), "Divisão lógica de um conceito em dois conceitos (geralmente contrários), de maneira que eles esgotam a extensão do primeiro". Por Mora (2000, p. 731), "é a divisão de um conceito em dois conceitos contrários que esgotam a extensão do primeiro".

O termo *contrário* também é interessante de ser definido. Lalande (1993, p. 206-7) define "De dois conceitos que fazem parte do mesmo gênero e diferem o máximo entre si [...], dois movimentos em sentidos opostos; [...] de dois conceitos qualitativamente diferentes, cuja oposição é intuitivamente sentida como tal (quente, frio, açucarado, salgado, etc.)". Por Abbagnano (2007, p. 205),

> "Estão em oposição contrária o verdadeiro e o falso, o bem e o mal, o calor e o frio, etc. Aristóteles observa que os contrários se excluem absolutamente, que não existe entre eles noção intermediária e que ao menos um deles deve pertencer ao objeto: p. ex., não há termo intermediário entre doença e saúde, porque o organismo animal deve estar necessariamente sadio ou doente.

Por Mora (2000, p. 574), "duas proposições contrárias não podem ser ao mesmo tempo verdadeiras, mas podem ser ao mesmo tempo falsas. Assim: Se A é verdadeira, E é falsa. Se A é falsa, E pode ser falsa. Se E é verdadeira, A é falsa. Se E é falsa, A pode ser falsa."

Portanto, neste estudo, a Ideia das Influências Ambientais é o conceito que está dividido em Determinismo e Possibilismo, sendo um o contrário do outro, o máximo divergente. Ou seja, se um é verdadeiro, o outro é necessariamente falso. Entretanto, podem ser ambos falsos, retornando ao conceito inicialmente dividido. Tendo esta conceituação em mente, pode-se então interpretar o que a *falsa dicotomia determinismo-possibilismo* significa: a ideia das Influências ambientais não deve ser vista de modo dicotômico, mas inteiro. É falsa a dicotomia e é urgente estabelecer um meio-termo tendo em vista que, na verdade, Ratzel e

---

[5] MERCIER, 2011, p. 7.
[6] LA BLACHE, 2009a, p. 84.
[7] LA BLACHE, 2009b, p. 141-2.

La Blache não são antagônicos. Mais convergem em suas ideias do que realmente a divisão criada por Febvre faz parecer.

A história da Geografia institucionalizada não pode ser entendida senão olhada através da história dos povos germânicos. No século XIX, nações como Grã-Bretanha, Espanha ou França não tinham dúvidas sobre a extensão de seus territórios, entretanto o mesmo não se passava com os povos germânicos. Então, na escola alemã, é atribuído um papel-chave à Geografia após Wilhelm Riehl (1823-97): a juventude alemã deveria percorrer o país com mochila nas costas, a fim de que não esquecessem as tradições rurais e artesanais que moldaram o país; também a geografia deveria ser ensinada dando ênfase ao território. Os alemães tinham um profundo sentimento de identidade, mas não sabiam exatamente qual território deveria pertencer a seu país. Para isso o dado base seria o povo, e nesse sentido, a ideia (Auguste Meitzen [1822-910]) é que um povo imprime suas características culturais na paisagem, sendo identificável é possível demarcar o verdadeiro Estado Alemão.[8]

Durante quase um milênio, os povos germânicos ficaram organizados sob o que foi conhecido como Sacro Império Romano-Germânico (962-1806), o primeiro Reich. Seu declínio ocorreu com expansão napoleônica na Europa e após declínio de Napoleão, em 1814, os povos germânicos ficaram unidos pelo que foi chamado de Confederação Germânica, com 39 estados soberanos até 1871. Com a vitória do Reino da Prússia sobre os franceses na guerra de 1871, é fundado por Otto von Bismarck o segundo Reich: a unificação dos reinos germânicos sob o moderno modelo de Estado-Nação, o Império Alemão.[9] É nesse contexto de unificação da Alemanha que Ratzel viveu e escreveu sua Geografia.

De acordo com a perspectiva de Ratzel, cada povo possui um *espaço vital [Lebensraum]*[10]: aquele espaço necessário que contém os elementos para sua sobrevivência e desenvolvimento, sobretudo, seu solo.[11] O espaço vital pode ser entendido, de modo esdrúxulo, como território. Desde o início da modernidade, os conceitos de Estado, povo, nação, território, governo, apesar de diferentes, ficaram cada vez mais atrelados uns aos outros. Na grande obra *Leviatã*, Hobbes ([1651] 2014) explana sobre a necessidade do Estado para que o homem não viva num constante medo da morte violenta; o Estado é a instituição na qual é firmado o contrato social de um povo, onde também é firmado os limites espaciais

[8] CLAVAL, 2006, p. 85.
[9] DIRLMEIER et. al., 2014; KITCHEN, 2013.
[10] RATZEL, 2019, p. 109.
[11] RATZEL, 1990d, p. 73-4.

de validade deste contrato, ou seja, o território.[12]

É o solo que constitui a base material de um povo: o espaço que ele ocupa, o espaço vital. "Vital" pois é sobre um determinado solo, isto é, sobre uma geografia específica, que um povo desenvolve sua cultura, e o vínculo com esse lugar é fundamental. O espaço não determina, mas pode oferecer obstáculos diferentes. E cabe ao povo que o habita superá-los.

Hitler justificava seu expansionismo através do conceito de espaço vital, que foi desenvolvido por Ratzel.[13] Entretanto, Ratzel não desenvolveu sua teoria para os fins do terceiro reich, mas sim pela unificação alemã. Esse é um dos principais pontos de equívoco da crítica à obra de Ratzel. Em diversos trechos de sua obra, Ratzel aponta para a importância de que um povo mantenha seu território:

> Um povo decai quando sofre perdas territoriais. Ele pode decrescer em número, mas ainda assim manter o território onde se concentram seus recursos; mas se começa a perder uma parte do território, esse é sem dúvida o princípio de sua decadência futura.[14]

É nessa questão que a Geografia francesa começa a rotular e descredibilizar da Geografia alemã, denominando-a Determinista: após perder a guerra (1871), os franceses perceberam a importância da Geografia para estimular a identidade nacional e foi um dos instrumentos utilizados no que ficou conhecido como "revanchismo francês".[15] Nesse sentido, parece adequado tentar resgatar a Ideia das Influências Ambientais. Também muito conhecida como "determinismo ambiental", muitos autores, assim como Ratzel, falam como as características do espaço, ou seja, o ambiente e sua organização, também influenciavam diretamente na organização dos homens.

Contudo, Ratzel não foi o primeiro a falar sobre a influência do ambiente sobre os homens. Pensadores de diversas áreas, épocas e lugares já incluíam o entendimento da geografia como aspecto estratégico para prosperidade de um povo. Autores como: Sócrates, Platão, Aristóteles, Hipócrates, Heráclito, Tucídides, Sun Tzu, Maquiavel, Hobbes, Locke, Rousseau, Turgot, Kant, Arendt, Nozick[16] e inclusive autores proclamados "possibilistas" como o Febvre, Brunhes e o próprio la Blache. Apesar das considerações deterministas de diversos autores, a maioria não recebeu a carga pejorativa do termo atribuído a geógrafos

---

[12] HOBBES, 2014.
[13] EVANS, 2010, p. 66.
[14] RATZEL, 1990d, p. 74.
[15] CLAVAL, 2006.
[16] BONAVIDES 1994; COSTA, 2012

como Ratzel, Semple e Huntington.[17] Nesse caso, parece realmente que o termo, cravado por Febvre, objetivou apenas desmerecer o trabalho do geógrafo alemão e o daqueles que seguiam pela mesma linha teórica. Como sugeriu Yves Lacoste, "*A Geografia — isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*", obviamente não só para isso, mas o conhecimento do espaço geográfico sempre serviu aos interesses dos Estados e dos Impérios: espaço, dominação, exploração de recursos, terras para cultivo, etc.[18] Portanto, Geografia e Política estão intimamente ligadas. Porém o conhecimento geográfico já figurava como sendo de suma importância em obras de grandes estrategistas da guerra como Sun Tzu[19] e Clausewitz[20], mas como mostrou Lacoste, os geógrafos pareciam ter esquecido.

Por fim, a pergunta que norteará a pesquisa é a seguinte: a Ideia das Influências Ambientais pode ser resgatada da roupagem determinista e da falsa dicotomia determinismo-possibilismo na Geografia?

Dos objetivos e não-objetivos

Inspirado por Carvalho Jr. (2011), resolvi reservar um espaço dedicado a listar alguns dos não-objetivos, a fim de antecipar algumas possíveis interpretações apressadas que não sejam condizentes com o que será de fato proposto aqui.[21] Vejo esse procedimento como necessário exatamente pelo mesmo motivo pelo qual faço essa pesquisa. Em um meio acadêmico preocupado em classificar, etiquetar e colocar em caixas determinados trabalhos, vejo sentido nessa minha preocupação. São os não-objetivos desta pesquisa:

1. Essa pesquisa não tem a intenção de legitimar qualquer tipo de narrativa relacionada à violação dos direitos básicos do ser humano.
2. Essa pesquisa não é uma defesa do denominado "determinismo geográfico".
3. Esta pesquisa não defende a ideia de que os fatores geográficos/ambientais são os fatores de maior relevância na explicação da história humana.
4. Não faz parte do objetivo aprofundar de forma demasiada em todas as questões, mas dar espaço à amplitude dos componentes da discussão.

---

[17] CARVALHO Jr., 2011, p. 37.
[18] LACOSTE, 2012.
[19] TZU, [5-- a.C] 2011.
[20] CLAUSEWITZ, [1832] 2010.
[21] CARVALHO Jr., 2011, p. 28.

Dada minha prévia defesa contra possíveis más interpretações, vamos aos objetivos, ou ações que serão realizadas a fim de responder a pergunta norteadora:

1. Explanar sobre o emaranhado semântico-teórico-conceitual do rótulo de determinismo geográfico imputado à Ideia das Influências Ambientais, proposto por Ilton Carvalho (2011);
2. Evidenciar a falsidade da dicotomia entre determinismo e possibilismo;
3. Exemplificar como pode ser feito um estudo acerca das influências ambientais.

Nesse sentido, minha hipótese é: sim, é possível resgatar a Ideia das Influências Ambientais da roupagem determinista e da falsa dicotomia determinismo-possibilismo na Geografia.

O brio da questão

A relevância deste objeto se sustenta no fato de haver um certo mal-estar em relação a certa parte história da Geografia: Ratzel e sua Geografia Política. Essa ala da história da Geografia, apesar de importante, é constantemente menosprezada e descredibilizada por autores de uma ideologia dominante no meio acadêmico. A obra de Ratzel foi rotulada de determinista e foi apropriada pelo poder, mas isso não significa que Ratzel tenha de ser subjugado, pois a obra não foi elaborada para os fins do III Reich. Nesse sentido, se faz necessário entender como os franceses atribuíram o rótulo determinista à Geografia alemã apenas para enfraquecê-la frente à comunidade científica. Vejo ser necessário entender que nós, humanos, não estamos desvinculados da natureza: ainda fazemos parte dela. Por tanto, é justificável verificar, através de evidências, o grau em que somos afetados pelos fatores ambientais e pela natureza, no passado, presente e futuro.

A história da Geografia é tortuosa: um conhecimento muito antigo, mas que enfrentou auges, declínios e mudanças de polos. Lutou e luta até hoje pela manutenção do seu *status* de científica. Muito do que se advoga contra as Ideias das Influências Ambientais é que elas seriam muito superficiais e assim incapazes de traduzir qualquer explicação do mundo através de seus métodos de investigação, portanto, pouco científicas e muito de uma tentativa de justificar a dominação e a exploração imperialista dos séculos XIX e XX; desse modo, esse tipo de explicação [baseado nos fatores ambientais], de algum modo, prejudicaria a

notoriedade científica da Geografia ao pé de outras ciências mais consagradas. Outra crença nessa suposta superficialidade surge da falsa ideia de desligamento do homem com a natureza. As pessoas realmente têm a ideia de que o homem já se desvencilhou da natureza e ela não os constrange mais de forma alguma. Inclusive, o nosso desligamento da natureza seria uma das características que nos diferenciam dos outros seres vivos animais, estaríamos no controle do nosso próprio destino. O homem que vive em sociedade e pode usufruir das mais diversas tecnologias, e não tem por que se preocupar com os obstáculos impostos pelas natureza; para ele toda a natureza está absolutamente superada. Bom, creio que a total superação da natureza não seja verdade.

A ideia não é dizer que o ambiente determinou o destino de todos os povos e que o futuro pode ser previsto baseado na geografia. A ideia é que a geografia oferece diferentes obstáculos para cada sociedade em cada era. Cabe a cada sociedade superar tais obstáculos. Uns são mais fáceis de superar do que outros. Pergunte a um camponês onde é mais fácil plantar: na planície ou na montanha? Certamente ele responderá "na planície!". Isso significa que povos montanheses nunca poderiam plantar? Claro que podem. Os incas já utilizavam a técnica de terraceamento que possibilitava o plantio em terrenos inclinados. Mas um terreno plano é certamente mais cobiçado.

O objetivo não é decretar a falência de certas sociedades apenas baseadas na organização espacial de onde habitam, mas usar o conhecimento geográfico para entender as *possibilidades* de cada povo, entender seus obstáculos e seus catalisadores. Menos ainda é querer dizer que a geografia é o fator mais importante na explicação do mundo, tudo é uma questão de grau, onde há mais ou menos influência do ambiente, onde ele pode ser mais ou menos decisivo.

A Geografia é uma ciência multifacetada e até mesmo contraditória às vezes, mas vale o esforço de entendê-la. No Brasil, o debate da Ideia das Influências Ambientais ficou estagnado na velha dicotomia *febvreana*;[22] já no exterior o debate seguiu no sentido de desfazer o reducionismo de Febvre. Mas sejamos humanos, ninguém gosta de ouvir que está destinado ao fracasso, sobretudo nós, humanos, que nos consideramos tão à parte da natureza. E é o que muitos interpretam da Ideia das Influências Ambientais: a geografia já determinou os vencedores e os perdedores. Entretanto, não é disso que se trata!

---

[22] Ibidem, p. 39.

A Ideia das Influências Ambientais não se trata de uma teoria determinista, pois nenhum cientista minimamente sério terá a ousadia de afirmar que “A geografia já determinou quem irá vencer e quem irá perder, pelos motivos A, B ou C”. Todos aqueles que tentarem encontrar explicações para a realidade que os cerca, logo perceberá que é impossível estabelecer um único parâmetro que explique tudo. Não existe “A Teoria de Tudo”. Existem apenas fatores que quando combinados produzem certos resultados. E o ambiente é apenas mais um desses fatores. Assim como a história, cultura, ideias, economia, política, religião, época, tecnologia, filosofia, arte, doenças, e até meteoros, etc. Resumidamente, existe uma gama de fatores que compõem a realidade. Cada um, em cada contexto, atua de forma mais ou menos ativa, em maior ou menor grau.

Grande parte da crítica, feita pela linha dominante da Geografia Crítica, à Ideia das Influências Ambientais, diz que nações não desenvolvidas são aquelas que foram exploradas por outras nações no passado, e a exploração provocou marcas que dificultam sua prosperidade. Essa crítica é verdadeira e importante, mas novamente, o objetivo não é encontrar a explicação universal, mas encontrar os fatores que compõem a explicação da realidade, e a expansão colonialista dos últimos 500 anos é um dos grandes fatores. Em muitos casos essa explicação se aplica, mas ela pode também corroborar com a Ideia das Influências Ambientais. A Finlândia é um país que até o fim da segunda guerra mundial era apenas uma nação agrícola, isolada no norte da Europa e explorada pela União Soviética: não era nenhuma potência mundial. Mas em poucas décadas foi capaz de se tornar um dos melhores países para se viver: alto IDH, industrializada, economicamente próspera, alta renda per capita, altos índices de educação formal, de saúde, segurança, etc. E sim, a geografia da Finlândia teve influência.[23]

A ciência talvez seja um dos melhores artefatos já produzidos pela engenhosidade humana. Um sistema complexo, porém uma forma eficiente e acurada de saciar uma das maiores necessidades humanas: explicações. O Homo Sapiens não se satisfaz apenas com a aparência da realidade, ele quer entender como ela funciona, como ela está ordenada. A ciência além de responder muitas dessas indagações e ainda promove um alto nível de veracidade. Muitos outros "sistemas de respostas” também promovem respostas para as inquietações do *geist*[24] humano: a religião, filosofia, moral, cultura, mitos, fábulas, metáforas,

---

[23] DIAMOND, 2019, p. 62-103.
[24] Do alemão, *geist* = espírito, alma racional, intelecto, no sentido filosófico modernos, seria a nossa parte pensante (ABBAGNANO, 2007 [1971], p. 365).

analogias, causa e efeito, astrologia, numerologia, e a lista se estende quase ao infinito. Porém, a ciência se destaca entre todos esses "sistemas de respostas" por ter acurácia e também se permitir mudar a resposta. A acurácia significa exatidão, proximidade com o valor real ou fatual, baseado nas evidências disponíveis. Entretanto, como sugeriu Kuhn (2000), a ciência não possui uma progressão linear e contínua, mas um progresso feito de rupturas e revoluções onde o que estava estabelecido passa a não ser mais suficiente para compreender os fenômenos estudados dado uma nova gama de fenômenos e evidências.[25]

Nesse sentido, a ciência possui a capacidade de reconhecer, num momento posterior, que o valor obtido anteriormente, não é tão acurado quanto o valor que poderá ser obtido, dado um eventual novo abastecimento de evidências. De forma resumida, isso significa que a ciência é um sistema que reconhece sua capacidade de errar e de corrigir: para a mesma pergunta, no momento *A* a resposta pode ser *X*, mas no momento *B* a resposta pode ser *Y*. Portanto, podemos entender que a ciência tem respostas relativas, e não absolutas. Nesse sentido, a ciência não busca estar sempre mais certa, mas busca sempre estar menos errada.

Muitas civilizações antigas acreditavam que a Terra era plana, e essa explicação era dada baseada apenas na nossa observação, que de fato, nos causa a impressão de estarmos sobre uma superfície plana e sob uma abóbada celeste. Porém, Erastóstenes, medindo a projeção das sombras de estacas no chão no mesmo momento, mas em cidades diferentes, descobriu que a Terra era esférica, baseado na diferença de tamanho das sombras projetadas. Ainda assim, nos dias atuais, sabemos que Terra não é esférica, mas um geóide, isto é, um objeto com formato quase esférico; no caso da Terra, com irregularidades em sua superfície, achatado nos polos e mais largo no equador.[26]

Portanto, com essa pesquisa, gostaria de fomentar o espírito desafiador da Ciência e da falseabilidade da Ciência.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa se propõe a ser bibliográfica, isto é, nela não será feita a obtenção de dados primários, mas será realizado primordialmente uma análise de dados já documentados

[25] KUHN, 2000.
[26] GROTZINGER; JORDAN, 2014

por outras pesquisas.[27] No máximo será realizado o esforço de juntar dados que não estejam explicitamente relacionados. Nesse sentido, a pesquisa pode ser dividida em três partes que, quando juntas, formarão uma visão mais ampla a respeito do assunto tratado. O assunto desta pesquisa consistirá na investigação do papel da geografia no desenvolvimento de uma nação. Mas as questões relacionadas a essa investigação não são inéditas nem novas, mas uma antiga indagação que remete aos mais antigos pensadores. Em outras palavras, esta pesquisa tem a intenção de explorar as questões que rodeiam a Ideia das Influências Ambientais no desenvolvimento das nações. Voltemos às partes da pesquisa.

O capítulo I tratará sobre o problema da má interpretação das influências ambientais, que foi denominado por Carvalho Jr. (2011) como "emaranhado semântico" ou "lamaçal semântico-teórico-conceitual". Nesse momento, ocorrerá o esforço de desatrelar o termo "determinismo" do termo "geográfico", no sentido de promover o entendimento que: se apoiar numa evidência de cunho ambiental, ou na geografia, para explicar determinado aspecto da realidade não significa ser determinista.

O capítulo II irá evidenciar a falsidade da dicotomia entre as duas "correntes" geográficas. Primeiro, demonstrando a origem dessa dicotomia e como ela se perpetuou através dos escritos e debates de outros autores e comentadores dentro e fora da Geografia. Terceiro, verificar se todo esse debate não é apenas uma discussão sobre o livre-arbítrio. Segundo, com um resgate das obras de Ratzel e La Blache, veremos se há claramente algo a se rivalizar, na verdade a ideia é demonstrar que, apesar de suas especificidades, os dois autores convergem em certos aspectos.

O capítulo III terá foco numa obra específica: *Armas, Germes e Aço*, de Jared Diamond (2020 [1997]). Essa obra exemplifica como a geografia pode sim ter tido grande papel no rumo da história mundial.

Como foi explicitado anteriormente, essa pesquisa tem como predominante a análise de documentos textuais. Por isso faz sentido enunciar como se deu o acesso e o tratamento dado a esses materiais.[28] A consulta foi principalmente sobre livros, artigos, teses e dissertações. Dada a certa complexidade da pesquisa, o acesso aos muitos materiais de muitas áreas exigiu um certo protocolo procedimental não tradicional na obtenção dos materiais em si, em que a maioria deles foi de origem predominantemente digital ou digitalizada, mas que

[27] SILVA et al., 2020, p. 35.
[28] SILVA et al., 2020.

de forma alguma prejudicou a pesquisa; pelo contrário, a enriqueceu. Nesse sentido, alguns instrumentos foram de suma importância para o tratamento desses materiais. Um deles é a fiel ficha de leitura, que apesar de antiga técnica, tem sua importância na viabilização da extração e cadenciamento das ideias mais importantes de determinada obra, facilitando a rápida recordação do material lido anteriormente, sobretudo quando se trata de um vasto acervo a ser manipulado, quando são necessárias várias fichas — uma para cada obra — como ocorre em pesquisas bibliográficas.[29] Outra ferramenta é o mapa de ideias, ou fluxograma, modelo pelo qual somos capazes de entender rapidamente a relação direta ou indireta, de causa ou de efeito dos elementos de um tema, através de um sistema de setas e palavras.

Motivações pessoais para o estudo: um consenso leviano

Quando eu estava no ensino básico, Geografia sempre foi a minha disciplina preferida: notas altas, alta participação nas aulas e muito interesse. Durante uma aula normal, no 8º ano, meu professor começou a falar livremente sobre um determinado assunto e foi nesse momento que eu tive a epifania de que queria a Geografia como minha prática profissional. Essa epifania se deu pelo fato de eu achar incrível o modo como ele era capaz de inter-relacionar diversos assuntos, fazer conexões, sanar curiosidades sobre o mundo, etc. Eu nunca havia duvidado da "cientificidade da Geografia", seja lá o que isso significasse na altura dos meus 13 anos. Até finalizar meu ensino médio, essa minha opinião quase não mudou: eu continuava achando que a Geografia era uma ciência de grande prestígio, bem consolidada, homogênea. Fiz o vestibular e ingressei na UnB, no curso de Geografia. E pela primeira vez, eu duvidei de tudo que eu sabia sobre Geografia.

Logo no meu primeiro almoço, um dos veteranos me perguntou: "o que a Geografia estuda?" E eu travei. Não soube responder. Eu não sabia responder a uma pergunta supostamente básica sobre aquilo que eu passei a minha adolescência toda sonhando em fazer. Respostas até me saltavam à mente, mas eu tinha a clara sensação de que eu estaria dando uma resposta errada. Por fim, respondi: "A Geografia estuda... o mundo…?". E logo eu pensei comigo: "que resposta mais idiota". E por mais que o planeta Terra seja muitas vezes usado como símbolo da Geografia, infelizmente a minha resposta não era correta e eu fiz papel de idiota. Não que a resposta esteja 100% errada, mas eu logo percebi que na academia não

[29] LAKATOS; MARCONI, 2017.

existe espaço para generalizações, vaguidades e sensos comuns. No fim, ele queria uma resposta mais específica; e a resposta que ele me deu realmente parecia mais certa.

A mesma pergunta me foi apresentada novamente num momento posterior, mas num lugar diferente: em sala de aula, pelo meu professor de Introdução à Ciência Geográfica [ICG]. E o que eu descobri é que essa pergunta não tem uma resposta definitiva, mas uma resposta que é considerada a mais válida. E essa consideração pode variar de acordo com o tempo e o lugar. A resposta para o que a Geografia estuda é: o Espaço, mais precisamente, o Espaço Geográfico e um pouco ainda mais específico, a Organização do Espaço Geográfico.[30] E desse momento em diante, eu percebi que o nome das coisas eram importantes, os conceitos precisavam ser delimitados claramente e um pouco além. Tudo isso me deixou confuso de início, mas fui me ajeitando aos poucos.

E logo nos encontros com os veteranos pelos corredores e gramados, me foi apresentada a dicotomia "determinismo-possibilismo". Esse dualismo aparentemente foi o pioneiro após a institucionalização da Geografia na Alemanha no século XIX — e nessa disputa, o determinismo parecia perder de lavada, enquanto o possibilismo caía nas graças de meus colegas veteranos e calouros. Mas eu continuava sem entender muito bem o que se passava. Então, finalmente chegou o momento de estudar em sala de aula a tal dicotomia. Entretanto, não foi elucidador. Não por causa do professor, mas porque meus colegas pareciam ignorar o que o professor acabara de dizer. E não só meus colegas de sala, mas também os veteranos que tinham tido aula com aquele mesmo professor. Me lembro claramente do momento que o professor abordou o tema e disse [não exatamente com essas palavras] que a tal dicotomia determinismo-possibilismo não existia de verdade, e não deveríamos levá-la tão a sério, pois "Determinismo Geográfico" era mais um rótulo do que uma teoria real, e que foi um dos alunos de la Blache que havia criado essa fábula, quando na verdade nem Ratzel nem la Blache nunca haviam chamado suas obras por esses nomes.

Mas esse não foi o único episódio onde um de meus professores alertou para o perigo de se considerar a dicotomia como algo real. Lembro-me de um momento específico onde estávamos reunidos no Centro Acadêmico e um dos veteranos começou a debochar de uma das professoras que havia os orientado a ler um dos textos de Ratzel para que tentassem verificar por conta própria se realmente havia algo de determinista em sua obra. E lembro de o veterano dizer: "eu nem vou ler, é claro que o cara [Ratzel] era determinista e racista! Todo

[30] MORAES, 2007.

mundo já sabe que é, mas a professora ainda quer defender.”. E ele saiu rindo com ar de assunto encerrado. Alguns outros riram de modo tímido, outros ficaram em silêncio, mas ninguém o contestou de modo direto, nem mesmo eu. Fiquei curioso e no mesmo dia fui atrás do famigerado texto para tirar minhas próprias conclusões e entender o que esse autor tinha de tão ruim.

Em um outro episódio, lembro-me de estar em sala de aula, e num determinado momento, eu fiz uma colocação sobre como a geografia poderia influenciar a organização social, política ou econômica de uma sociedade X. No momento em que fiz a colocação, percebi que havia sido determinista, e logo após a minha fala adicionei: “sem querer ser determinista...”. Eu não achava que tinha sido uma fala determinista de fato, mas eu sabia que a ideia que o meio natural poderia influenciar os rumos de uma sociedade era, em geral, mal vista. E o professor concordou com a minha fala, mas indagou o motivo de eu ter dito a frase “sem querer ser determinista” ao final. Eu teria dito que não queria ser alvo de críticas por falar algo equivocado, mas apenas balbuciei sem dar uma resposta de fato para a indagação. Então o professor questionou a turma: “por que o ‘determinismo’ não pode ser uma linha de resposta válida?”. E o que seguiu foi apenas um silêncio recheado por burburinhos. A sensação que eu senti fica evidenciada no título do primeiro capítulo da tese de Ilton Carvalho (2011): “Prólogo (ou de como surgiu um instigante problema a partir de um consenso leviano e de um silêncio prepotente e árido)”. E foi essa sensação de consenso leviano acerca do determinismo-possibilismo que impulsionou essa pesquisa.

CAPÍTULO I – EQUÍVOCO SEMÂNTICO-TEÓRICO-CONCEITUAL ACERCA DO TERMO "DETERMINISMO GEOGRÁFICO"

Neste capítulo a ideia é retomar os significados dos termos que gravitam ao redor da discussão sobre a ideia das influências ambientais. Esta retomada é importante pois servirá para investigar a fundação do estereótipo do determinismo geográfico. Com esta investigação objetiva-se demonstrar o equívoco em que está posta a crítica à ideia das influências ambientais, pois sua base está assentada num profundo emaranhado de conceitos e traduções. Para os fins deste capítulo, o objetivo é evidenciar o lamaçal conceitual sobre a *Ideia das Influências Geográficas/Ambientais* ao ser colocada sob o rótulo de "Determinismo".

1.1 Emaranhado Semântico-Teórico-Conceitual

No meio acadêmico é bem provável que você seja criticado caso proponha que o ambiente pode influenciar o ser humano individualmente, ou coletivamente, sendo assim taxado de determinista. Entretanto, você pode ter reparado na diferença entre a proposta e a crítica. Na proposta está enfatizada a ideia de *influência*, e na crítica a de *determinação*. Nesse momento teremos o esforço de separar conceitos, isto é, desemaranhá-los — não apenas os dois citados há pouco, mas alguns outros conceitos que eventualmente permeiam o debate.

A primeira clarificação que precisa ser feita é acerca do nome da própria teoria ou, melhor dizendo, *Ideia*. Como expliquei anteriormente, essa pesquisa não defende o que é conhecido por "determinismo geográfico". Então o que defende? Resposta: a *Ideia das Influências Ambientais*. Talvez você se pergunte qual a necessidade de dizer que defendo uma e não a outra, sendo que possuem nomes diferentes. E é exatamente aí que reside a necessidade desta pesquisa: a *Ideia das Influências Ambientais* foi rotulada de ser na verdade uma teoria determinista, isto é, determinismo geográfico/ambiental, apesar de não propor a mesma ideia. Com essa explicação, pode fazer mais sentido o título desta pesquisa: *Resgatando a Ideia das Influências Ambientais do estereótipo do determinismo geográfico*.

1.2 Ressalvas de Carvalho Jr. (2011)

O segundo capítulo da Tese de Carvalho Jr. (2011) é o responsável por apresentar "alguns planos básicos para libertar a 'idéia das influências ambientais' do cativeiro determinista de seus seqüestradores erráticos".[31] Esse capítulo da tese de Carvalho Jr. (2011) compreende um total de oito subcapítulos, mas apresentarei aqui apenas o primeiro desses subcapítulos, onde o autor vai "iluminando alguns conceitos e conotações do emaranhado semântico que permeia o tema". No total são 13 esclarecimentos, mas apenas os sete primeiros serão suficientes.

O primeiro esclarecimento é, sem dúvida, a pedra angular de toda essa discussão: a distinção entre as ideias de "determinação" e "influência". Apesar da dificuldade de estabelecer os limites de cada termo que veremos mais adiante, "é preciso utilizar-se da coerência semântico-filosófica para justificar a necessidade do segundo termo em detrimento do primeiro".[32] Ou seja, como já está claro desde a introdução desta pesquisa, a ideia é que devemos esquecer o termo "determinismo", e dar lugar ao termo "influência".

O segundo esclarecimento diz sobre a impertinência e equívoco no uso do termo "determinismo": primeiro, pela acepção filosófica original; segundo, pelo "sentido científico, atrelado ao mecanicismo e que não guarda muita semelhança com o tipo de 'determinismo' presente nas obras dos autores rotulados".

> O termo "determinismo", em sua acepção metafísica, nega ao ser humano qualquer grau de liberdade, do que se pode inferir que seu uso pelos possibilistas foi equivocado e ingênuo, senão até mesmo proposital, uma vez que tal termo traz em si séculos de radicalização da negação do livre-arbítrio".[33]

O terceiro esclarecimento é uma crítica ao uso do rótulo "determinista". Segundo Carvalho Jr. (2011):

> Este rótulo parece reduzir a complexidade das obras e o pensamento dos autores a mero folclore, lançando-os numa Geografia marginal que jaz no território do surreal. Assim, faz-se necessária uma discussão linguística e filosófico-conceitual dos termos usados para se avaliar as obras supostamente deterministas e suas críticas.[34]

---

[31] CARVALHO Jr., 2011, p. 68.
[32] Ibidem, p. 69.
[33] Ibidem.
[34] Ibidem.

Quer dizer, apenas o fato de uma pesquisa enfatizar os aspectos ambientais não significa que o autor defenda uma explicação monocausal da realidade. Caso assim fosse, todas as áreas da ciência poderiam ser chamadas de deterministas, a Química com seu "Determinismo Químico", a Matemática com seu "Determinismo Matemático", a Biologia com seu "Determinismo Biológico", a História com ser "Determinismo Histórico", a Sociologia como o seu "Determinismo Sociológico", e assim por diante. Então, qual o sentido de se rotular um geógrafo de determinista sob a acusação de defender uma "Geografia Determinista" apenas por enfatizar as causas geográficas de certos efeitos?

O quarto esclarecimento aborda as "conotações negativas do termo 'determinismo'". Segundo Carvalho Jr. (2011), o termo foi demonizado, de uso deliberado e mal empregado e é nesse sentido que recai a necessidade de uma nova nomenclatura, na qual preferimos o termo "influenciar" pois, apesar da certa vaguidade, nos parece mais assertivo que as outras alternativas. Como dito anteriormente, caso insista o uso do "determinismo", seria minimamente adequado a substituição de "determinismo geográfico" por "determinismo ambiental"; temos o termo "ambientalismo", de uso anglófono [*environmentalism*], mas que em português possui ampla conotação ecológica; o termo "mesologismo" presente em obras lusitanas; "condicionamento mesológico" empregado como tradução de "*environmentalism*" na obra "*Perspectives on the Nature of Geography*", de Richard Hartshorne (1959), contudo "condicionamento" sugere que o meio condiciona ação humana, portanto não é suficiente para a distinção do "determinismo" aqui pretendido:

> Conclui-se dessa discussão que nenhum termo, de fato, é pertinente, e que o uso de qualquer um deles evoca imprecisões, ideologias e preconceitos acadêmicos, o que nos leva a reforçar a necessidade de se falar apenas em "questão ou idéia das influências ambientais". Trata-se de uma hipótese básica que considero estar no cerne mais íntimo da ciência geográfica, e que ao mesmo tempo pertence à maior parte das ciências.[35]

O quinto esclarecimento fala sobre a "atribuição de responsabilidade" que o termo "Determinismo Geográfico" evoca.

> Determinismo ambiental e determinismo geográfico são sinônimos e o primeiro termo é mais frequente na literatura, sendo uma tradução do termo "environmental determinism", amplamente empregado pelos geógrafos do mundo anglófono. Atualmente, poderiam ser feitas objeções quanto ao uso do termo "geográfico" para se referir apenas às influências de fatores

[35] Ibidem, p. 69-70.

> naturais, ou seja, aqueles do ambiente físico ou "physical environment" (termo também bastante usado pela tradição anglófona), uma vez que por "geográfico" se entende atualmente um número muito mais amplo de características do espaço. Assim, se fala hoje na "Geografia" de um país não mais como referência a meros aspectos físicos, mas a diversos outros relacionados à produção econômica, população, problemas sociais e principalmente às relações entre esses fenômenos.[36]

Assim, a ideia de "determinismo ambiental" ficou atrelado quase exclusivamente à Geografia, excluindo toda a gama de ciências que tratam da natureza, ou "ambiente físico". Mas esse legado é antigo, remetendo aos gregos, quando *Geografia* era o termo que se referia ao ato de descrever a Terra em seus aspectos naturais. Como descrito por Clark (1960):

> Ainda, implicitamente, a imputação de determinismo (ou, ao menos, um profundo equívoco sobre o que geógrafos tratam) perdura num difundido mau uso do adjetivo "geográfico". Ele é apenas o adjetivo de "geografia" e nada mais [**tradução nossa**].[37]

O sexto esclarecimento evoca o tão conhecido problema das traduções. O problema com as traduções não se trata de má tradução, mas das eventuais ausências de termos que sejam equivalentes em línguas diferentes; não só isso, mas mesmo nos casos onde existe um termo equivalente, o termo possui culturalmente outra conotação. Por exemplo, Brasil e Portugal têm o português como língua oficial, mas o termo "mesologismo", que em Portugal é amplamente conhecido, no Brasil é menos usual. É o que ocorre com o termo anglófono "*environmentalism*"; segundo Carvalho Jr. (2011):

> Em inglês o termo "environmentalism" (ambientalismo) é utilizado, além de outros sentidos, ora como sinônimo de "determinismo ambiental radical", ora como uma versão mais moderada de "determinismo ambiental" e para esses autores o "determinismo ambiental" é mais radical que o "ambientalismo, que reconheceria um maior papel dos fatores não-ambientais e do livre-arbítrio. Em português, o termo "ambientalismo" não se disseminou com esse sentido de "determinismo ambiental", seja ele ambiental ou atenuado.
>
> Nos países anglófonos o termo "environmentalism" costuma ser mais empregado por interlocutores com visão mais branda, menos crítica e mais ponderada do "determinismo", ao passo que o termo "environmental determinism" tem sido mais usado no sentido pejorativo e pelos críticos mais radicais. O emaranhado semântico se agrava quando constatamos que o termo "environmentalism" é traduzido para o português ora como "determinismo ambiental", ora como "ambientalismo", ora como "condicionamento mesológico" e até mesmo como "mesologismo". Quando reconhecemos que esses termos são fruto da inventividade de um idioma,

[36] Ibidem, p. 71.
[37] CLARK, 1960, p. 608.

> não há problema algum. Entretanto, os termos dessa miríade de traduções, e todos os demais que constituem o amplo labirinto semântico do tema, além de parecer ter vida própria na esfera das idéias, com possível influência de seus leitores, também evocam uma série de preconceitos e geram um desarranjo conceitual quanto aos escopos da Geografia, à sua natureza e, principalmente, abrem espaço para uma compreensão equivocada e tendenciosa a respeito da questão das influências ambientais e da história do pensamento geográfico como um todo.[38]

O sétimo esclarecimento diz respeito à denominação do determinismo. O *determinismo ambiental* seria uma doutrina, filosofia, escola, tese, teoria, conceito ou hipótese? "O termo 'filosofia', apesar de ser o mais frequente na literatura, é o mais impreciso e o menos pertinente". No fim das contas não há real necessidade de estabelecer uma denominação ao adjetivo determinista, "posto que ele próprio é uma ilusão e totalmente impertinente".[39] Portanto, a solução proposta por Carvalho Jr. (2011) é que a chamemos apenas de "*ideia*". A *Ideia das Influências Ambientais*.

1.3 Síntese de Lewthwaite

Para nos ajudar a compreender ainda mais toda a complexidade de conceitos e termos que o tema suscita, produzi uma tradução da lista de conceitos e conotações apresentada por Gordon Lewthwaite.[40] O objetivo de introduzir essa lista aqui é ter uma breve noção das explanações que foram produzidas pelos autores — anglófonos — que se debruçaram acerca do embate determinismo-possibilismo. Ter em mente essas noções se torna relevante pois, em certa medida, são termos aos quais farei referências.

(i) *Ambiente*:

a) Todas as condições externas que cercam e exercem influência sobre um objeto qualquer.

b) Em Geografia: o complexo total de condições locacionais, físicas e biológicas que exercem influência sobre a sociedade humana, ou a soma total de condições externas excluindo aqueles recursos criados ou alterados direta ou indiretamente através da ação humana.

---

[38] CARVALHO Jr., 2011, p. 72-73.
[39] Ibidem, p. 74.
[40] LEWTHWAITE, 1966.

(ii) *Ambientalismo*[41]:

a) Determinismo ambiental: a visão de que o ambiente físico, natural ou geográfico controla rigidamente a ação humana.

a.1) Ambientalismo implica, raramente, num grau de controle ambiental menor que o determinismo ambiental.

a.2) Ambientalismo às vezes é usado mais num senso crítico do que descritivo, para sugerir uma visão exagerada da importância do ambiente

b) O conceito ambientalista: a Geografia definida como um estudo das relações entre ambiente e homem.

(iii) *Determinismo*:

a) Em geral, em senso metafísico, a visão necessitarista de que tudo, incluindo a vontade humana, não é livre, mas absolutamente determinado pelo complexo total de condições passadas e presentes.

b) Determinismo particular, monocausal ou fator-único: acredita que alguma força ou fator particular selecionado (tal como clima ou economia) domina o controle da vida humana. Algumas vezes, esse fator selecionado é considerado a força primária ou originária, dando ascensão a fatores secundários e derivados, mas às vezes ele é simplesmente apresentado como o mais importante entre vários fatores.

c) Determinismo, na Geografia, frequentemente é uma abreviação daquele determinismo particular que seleciona o ambiente geográfico como o principal controlador da vida humana.

c.1) Determinismo "*stop-and-go*". Conceito de Griffith Taylor segundo o qual a natureza fixa a direção do desenvolvimento econômico racional, mas o homem escolhe o ritmo, assim como um guarda de trânsito controla o ritmo mas não a direção do tráfego.

d) Determinismo cultural: a visão de que a atividade humana é determinada predominantemente pelas condições culturais em vez das condições do ambiente físico.

e) Determinismo científico: abordagem metodológica que assume que seja verdadeiro ou não o determinismo geral metafísico (ou estratégico), uma variedade de sistemas determinísticos planejados são úteis, senão essenciais, como ferramentas analíticas nas ciências.

f) Sistemas determinísticos: construções mentais ou abstrações, baseadas em sequencias válidas, padrões ou associações que permitam predições, "retrodições" e extrapolações com seus limites apropriados.

---

[41] Como dito anteriormente nos esclarecimentos, "ambientalismo" no Brasil possui uma conotação apenas ecológica.

(iv) *Possibilismo*:

a) O conceito de que o ambiente físico é passivo, e o homem é o agente ativo em liberdade para escolher entre uma ampla variedade de possibilidades ambientais.

(v) *Probabilismo*:

a) O termo geral indica que qualquer desenvolvimento particular ou padrão, embora não seja postulado como absolutamente certo, é provável.

b) Na Geografia é frequentemente usado como conceito que, embora o ambiente não determine necessariamente a ação humana, isso faz com que alguns desenvolvimentos ou padrões sejam mais prováveis e outros improváveis.

1.4 O determinismo nos dicionários de filosofia

O sentido de buscar referências em dicionários não se dá por uma vontade de resgatar um sentido exato, mas porque dicionários de filosofia são muito mais do que apenas termos e seus significados — como seria um dicionário comum de língua portuguesa —, o interessante é realizar um resgate histórico na medida em que entendemos como um conceito evoluiu até a sua conotação atual.

O termo *determinismo* vem do termo *determinar,* somado ao sufixo *-ismo.* "Determinar" é um verbo transitivo que pode significar: demarcar termos ou limites; indicar com precisão; diferenciar; resolver; ordenar; trazer consigo; ocasionar; introduzir; decidir; distinguir.[42] Do outro lado temos o *"-ismo",* que é um sufixo formador de substantivos abstratos[43]; vem do latim *-ismus,* que veio do grego *-ismós;* o sufixo significa "tomar partido de", ou "alinhado à". Nesse sentido, ao adicionar o sufixo *-ismo* em uma palavra, em geral, pode-se entender que estamos descrevendo um sistema de ideias, doutrina, filosofia, religião, política, etc.[44] Portanto, ao fundirmos o verbo *determinar* com o sufixo *-ismo*, temos o termo *Determinismo.* Assim, podemos dizer que o Determinismo é um sistema de ideias. A *grosso modo*, apenas com os significados das palavras, podemos deduzir que esse sistema foca nos limites ou na indicação precisa das coisas, isto é, na determinação antecipada de todas as

[42] Grande Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora. https://biblioteca.portoeditora.pt/reader/index.html
[43] Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. https://dicionario.priberam.org/
[44] Grande Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora. https://biblioteca.portoeditora.pt/reader/index.html

coisas. Veremos então qual a sua origem, quando foi usado, em qual contexto e com qual finalidade.

De acordo com Abbagnano (2007), *determinismo* compreende dois significados. No primeiro significado, é ação condicionante ou necessitante de uma causa ou de um grupo de causas; nesse sentido é utilizada para indicar conexões de *natureza causal* ou *condicional*. Para entender melhor os problemas relacionados a esse primeiro significado, veremos adiante: *causa*, *condição* e *necessidade.* No segundo significado, é a doutrina que reconhece a universalidade do *princípio causal* e portanto admite também a determinação necessária das ações humanas a partir de seus motivos; nesse sentido está indicado a dicotomia *determinismo-indeterminismo,* entre quem admite e quem nega a necessidade causal no mundo em geral e, em particular, no homem; aqui o determinismo é usado para designar o reconhecimento e o alcance universal da necessidade causal, que constitui uma ordem racional, mas não *finalista*, e portanto não se presta a ser designada pelo velho nome de *destino*. Portanto, o determinismo conecta-se ao Mecanicismo, tendência ainda dominante na ciência e na filosofia do século XIX. Sendo o Determinismo a crença na extensão universal do mecanicismo, consequentemente o mecanicismo acaba por ser estendido também ao homem. Como anunciado por Kant, determinismo autêntico é na verdade um predeterminismo, ou seja, que o motivo da ação humana está localizado na ação precedente, não estando em poder do homem no momento em que se efetua.[45]

Para a segunda definição apresento a de J. Mora (2000), em que:

> Numa acepção geral, o determinismo sustenta que tudo o que houve, há e haverá, e tudo o que aconteceu, acontece e acontecerá, está de antemão fixado, condicionado e estabelecido, não podendo haver nem acontecer senão o que está de antemão fixado, condicionado e estabelecido.[46]

Aqui se faz fundamental diferenciar o *determinismo* em sentido estrito de "*destino*" ou "*predestinação*", pois são de modo geral consideradas "tipos de determinismo". Assim, *destino* e *predestinação* se referem principalmente a ações de seres humanos. Enquanto isso, o *determinismo* é entendido como um condicionamento prévio de todos os fenômenos do universo, mas sendo o homem parte do universo, também está relacionado às ações humanas, sendo entendido como *universal* e associado à ideia de *causalidade* que rege todo o universo. As doutrinas deterministas modernas estão vinculadas ao mecanicismo; o universalismo é

[45] ABBAGNANO, 2007, p. 245-246.
[46] MORA, 2000, p. 690.

característica do determinismo, ou seja, ela se refere a todos os acontecimentos do universo. A doutrina determinista não é suscetível de prova, razão pela qual é de hábito considerada uma hipótese: alguns a chamam de hipótese metafísica e outros de hipótese científica.[47]

Para a terceira, Japiassú e Marcondes (2008), em sua primeira definição, citam o físico Louis de Broglie, que viu no determinismo a base do fazer científico: "Como princípio segundo o qual os fenômenos da natureza são regidos por leis, o determinismo é a condição de possibilidade da ciência: 'A definição do determinismo pela previsão rigorosa dos fenômenos parece a única que a física pode aceitar, por ser a única realmente verificável'". Já na segunda definição, temos o determinismo como "doutrina filosófica que implica a negação do livre-arbítrio e segundo a qual tudo, no universo, inclusive a vontade humana, está submetido à necessidade". E numa terceira e última definição: "O princípio do determinismo universal é aquele segundo o qual todos os fenômenos naturais estão ligados uns aos outros por relações invariáveis ou leis".[48]

Uma quarta definição se encontra em Robert Audi (1999). *Determinismo* é:

> A visão de que todo evento ou situação é causado por eventos ou situações antecedentes de acordo com a lei causal universal que governa o mundo. Portanto, o estado do mundo a qualquer instante determina um futuro único, e o conhecimento da posição de todas as coisas e das forças naturais predominantes permitiria que uma inteligência pudesse predizer o estado futuro do mundo com absoluta precisão [tradução nossa].[49]

Uma quinta definição de *determinismo* encontramos na enciclopédia *online Britannica*:

> [...] em filosofia, teoria que todos eventos, incluindo escolhas morais, são completamente determinados por causas previamente existentes. Determinismo usualmente cogita um impedimento ao livre-arbítrio pois implica que humanos não podem agir senão da forma que agem. A teoria sustenta que o universo é totalmente racional pois o conhecimento completo de uma dada situação qualquer garante conhecimento infalível também de seu futuro possível.[50]

A última definição a que iremos recorrer para apresentar o conceito de *determinismo* é

---

[47] MORA, 2000, p. 690-693.
[48] JAPIASSU; MARCONDES, 2008, [s.p.].
[49] AUDI, 1999, p. 228-229.
[50] Encyclopedia Britannica. https://www.britannica.com/

a de André Lalande (1993), onde são quatro os tipos de determinismo:

(i) Sentido concreto: conjunto das condições necessárias para a determinação de um dado fenômeno.
(ii) Sentido abstrato: característica de uma ordem de fatos na qual cada elemento depende de certos outros de tal maneira que pode ser previsto, produzindo ou impedindo com certeza conforme se conheçam, se produzam ou se impeçam estes últimos.
(iii) Doutrina filosófica segundo a qual todos os acontecimentos do universo, e em particular as ações humanas, estão ligados de tal forma que, sendo as coisas o que são num momento qualquer do tempo, apenas existe para cada um dos momentos anteriores ou ulteriores um estado, e um só, que é compatível com o primeiro.
(iv) Impropriamente, fatalismo: doutrina segundo a qual certos acontecimentos são fixados previamente por uma potência exterior e superior à vontade, de maneira que, se faça o que se fizer, eles acontecerão infalivelmente. Por vezes, diz-se, neste sentido, "determinismo externo", e é oposto, então, ao "determinismo interno" ou ligação entre as causas e os efeitos que constituem a vontade.

Algumas observações são feitas por Lalande (1993) acerca do termo. Ele é de origem recente e foi tomado da filosofia alemã entre as décadas de 1830 e 1840, sendo uma abreviação de *praedeterminismus* [*predeterminismo*], mais antigo. Segundo Lalande (1993), o mais indicado a se fazer, tendo em vista a variedade de conotações, é nos apegarmos ao sentido iii; o sentido iv deve ser o primeiro a ser rejeitado completamente, tendo em vista que já há um termo para tal [*fatalismo*]; evitar o sentido concreto i; e usar no sentido ii apenas com o complemento "determinismo experimental", pois é uma consequência particular de iii.[51]

As definições são várias, mas façamos o esforço de extrair mais informações a respeito do que acabamos de ver. É inegável que há uma convergência das definições para uma ideia comum, sobretudo uma compatibilidade e uma repetição de outras duas ideias fundamentais: "Causa", mais especificamente *causalidade* (o que inclui suas ramificações tais como universalidade da necessidade causal, princípio causal, etc.); e o "Mecanicismo". Vejo então clara a exigência de explicá-los, porém de forma mais breve estes mesmos termos suscitados durante a busca pela definição do termo *determinismo*.

[51] LALANDE, 1993, p. 245-248.

Causalidade, lei causal, princípio causal, são todos conceitos derivados do termo *causa*, que em grego possuía o sentido jurídico de "acusação" e "imputação", ou seja, atribuição de responsabilidade sobre uma ação a alguém. Aqui já é possível perceber o que viria a ser a relação causal, mas somente quando o termo *causa* passou a ser empregado filosoficamente significou o que entendemos hoje: supondo não apenas uma imputação, mas a produção de um efeito sob uma certa forma. A *causa* permitia explicar por que certo efeito foi produzido, logo foi entendida como *razão* ou *motivo da produção de efeito*. Assim, "As idéias de causa, finalidade, princípio, fundamento, razão, explicação e outras similares relacionaram-se com muita freqüência, tendo ocasionalmente se confundido".[52] Portanto, ao abordar as questões relativas à causa e efeito tem-se a noção de *causalidade.* Sendo a causalidade o vínculo entre duas coisas, cuja segunda é resultado da primeira, essa noção assumiu, historicamente, duas formas fundamentais. Primeiro como uma conexão racional, na qual a causa é a *razão* do seu efeito, assim, sendo *dedutível* dela. Segundo, como uma conexão *empírica* ou temporal, na qual o efeito não é mais dedutível, mas *previsível* baseado em sua constância e uniformidade na relação de sucessão. Ambas têm em comum a noção de previsibilidade unívoca, infalível, do efeito a partir da causa e, portanto, também a de necessidade da relação causal.[53]

Já para a definição de *Mecanicismo* temos que:

> 1. No pensamento moderno, principalmente com Galileu, Descartes e Newton, dá-se a substituição das teorias organicistas de Aristóteles e da escolástica por uma concepção de espaço geometrizado, no interior do qual as relações entre os objetos são governadas deterministicamente por uma causalidade cega. A natureza passa a ser considerada como uma "máquina", um mecanismo em funcionamento. Os fenômenos físicos seriam assim explicados pelas leis do movimento. 2. O próprio corpo humano, na concepção dualista de Descartes, é visto como uma máquina, animada pela alma: "Suponho que o corpo não é senão uma estátua ou máquina ... Todas as funções que atribuo a essa máquina ... seguem-se naturalmente da pura disposição de seus órgãos, da mesma forma como ocorre ... com os movimentos de um relógio" (Descartes). Oposto a vitalismo.[54]

Sendo tudo uma máquina, todos os movimentos podem ser previamente calculados, como lembra Laplace, a fim de unir o passado e futuro no presente. Então, de modo conciso, podemos entender que o *determinismo* indica uma relação de *causa e efeito* entre todos os eventos e objetos do universo, incluindo a natureza, sociedade e o homem. Seus componentes

---

[52] MORA, 2000, p. 423-432.
[53] ABBAGNANO, 2007, p. 124-30.
[54] JAPIASSU; MARCONDES, 2008, em definição de "*mecanicismo*", [s.p.].

e objetos estão intricados mecanicamente, portanto, devemos ser capazes de deduzir univocamente o que virá. Sendo assim, o humano passa a estar privado de qualquer livre-arbítrio.

Até aqui falei como o "determinismo" pode ser compreendido e qual é o seu significado. Mas agora irei explicar como o "determinismo" foi refutado ou reformulado pela ciência do século XX.

O ponto fundamental que quero retornar é a questão do *mecanicismo*. Ainda segundo Mora (2000), quando ele diz que as doutrinas deterministas modernas estão ligadas ao mecanicismo, também explica que a "relação entre determinismo e mecanicismo pode então ser mais bem compreendida, pois o determinismo se aplica mais facilmente à realidade enquanto concebida de modo mecanicista".[55] Se retornarmos, por um momento, às definições que apresentamos, é possível perceber que todas elas ligam o determinismo ao mecanicismo, seja de modo explícito ou implícito quando elas nos levam diretamente a citar "O Demônio de Laplace".

De acordo com Stephen Hawking (2015 [1988]), Laplace foi inspirado principalmente por Newton e sua teoria da gravitação, mas também por todas as outras teorias científicas de sucesso; no século XIX a ciência vivia sua ascensão. Naquele momento, a ciência, sobretudo as ciências exatas, se baseava na previsão. E isso levou Laplace a propor que o universo seria totalmente Determinista, ou seja, Mecanicista e totalmente previsível. Para que fosse possível prevê-lo, deveríamos apenas saber qual conjunto de leis científicas necessárias e qual o estado completo do universo até certa altura. Um exemplo seria: ao saber a posição e velocidade de todos os corpos do sistema solar e as leis que os regem, podemos prever seu estado em um tempo futuro. Até certo ponto não há impossibilidade em fazermos isso, mas Laplace incluía em sua hipótese realmente "tudo", ou seja, o Demônio de Laplace também seria capaz de prever o comportamento humano.[56] Esta ideia está contida no prefácio da obra de Laplace, "*Théorie Analytique des Probabilités*", de 1820:

> Uma inteligência que conhecesse num momento dado todas as forças que atuam na Natureza e a situação dos seres de que se compõe, que fosse suficientemente ampla para submeter esses dados à análise matemática, poderia expressar numa única fórmula os movimentos dos maiores astros e dos menores átomos. Nada seria incerto para ela, e tanto o futuro como o

[55] MORA, 2000, p. 691.
[56] HAWKING, 2015, p. 75.

passado estariam presentes diante de seu olhar.[57]

E realmente, se pararmos para pensar que nosso cérebro é constituído por neurônios feitos de átomos e correntes elétricas, conhecer as posições, direções e velocidade de tudo, além das leis que os regem, "seria possível" prever o comportamento humano. Como esperado, a doutrina do determinismo científico sofreu críticas, pois ela certamente infringiria a vontade de Deus e também o livre-arbítrio "nos dado por ele". Mas o determinismo continuou como pressuposto-padrão da ciência até o início do século XX.[58]

Ainda segundo Stephen Hawking (2015), o determinismo veio a baixo quando descobrimos a mecânica quântica. Max Planck, em 1900, sugeriu que a luz e outras ondas só poderiam ser emitidas em certos pacotes, chamados de "quanta". Mas as implicações da hipótese quântica ao determinismo só puderam ser percebidas quando Werner Heisenberg formulou o "Princípio da Incerteza". Como esta pesquisa é fundamentalmente geográfica, irei poupar o leitor de todos os detalhes e pormenores da física quântica. Mas de maneira sucinta, para que saibamos a posição e a velocidade futura de uma partícula, devemos ser capazes de medir com precisão a posição e a velocidade atual da partícula; entretanto, o próprio ato de medir causa "interferência" na partícula; e mais, quanto mais precisamente sabemos a velocidade, mais difícil é saber a posição, e vice-versa. Portanto, se não é possível saber com exatidão o estado presente de uma partícula, ninguém será capaz de prever eventos futuros, a menos que realmente seja uma inteligência sobrenatural onisciente, por exemplo um "demônio", que possa observar uma partícula sem perturbá-la.[59] Mas não nos indignemos com Laplace, ele certamente não era ingênuo e não acreditava que tal inteligência pudesse de fato existir [excluindo Deus]. O Demônio de Laplace era apenas um experimento mental.

Retornando à definição de Abbagnano (2007), o Determinismo absoluto que havia transformado a causalidade necessária em princípio universal do conhecimento científico pode ser abandonado. Entretanto, isso não implica na aceitação do indeterminismo, ou seja, do reconhecimento do absoluto acaso e arbítrio dos fenômenos naturais. O abandono da noção de *causa* coincide com o amplo uso da noção de "condição", assim como o abandono da noção de Determinismo absoluto abre espaço para uma outra forma de determinismo. Quando a Física contemporânea descartou o conceito de *causa*, ela passou a insistir na possibilidade de *previsão provável*. Dessa forma, substituindo o Determinismo absoluto por um

[57] LAPLACE, 1820, apud MORA, 2000, p. 691.
[58] HAWKING, 2015, p. 76.
[59] Ibidem, p. 76-7.

Determinismo "restrito" ou "imperfeito". E é sobre essa concepção que grande parte da ciência contemporânea passa a ser construída. A ciência deixa de querer ter certezas absolutas, e passa a buscar por probabilidades. Isto é, dado tal cenário, quais são os prováveis cenários futuros e quais são os mais e os menos prováveis?[60]

Portanto, o Determinismo não foi abandonado, mas foi radicalmente transformado na linguagem científica e filosófica contemporânea: "Não designa mais o ideal de causalidade necessária e de previsão infalível, mas o método de conexão condicional e de previsão provável".[61] E de modo resumido, o Determinismo, até o século XIX, era apenas uma hipótese filosófica a fim promover o debate com o livre-arbítrio, ou seja, existe destino? Depois, o Determinismo virou premissa básica da ciência, enquanto sua função era apenas atribuir certas causas a certos efeitos, ou seja, determinar, de forma absoluta, a causa dos efeitos. E quando descoberta a física quântica, no início do século XX, tudo se tornou uma questão de probabilidade, onde certas causas são as mais prováveis de serem as responsáveis por certos efeitos.

1.5 O termo "influência"

Vamos agora ao termo "influenciar", que advogo para que seja o substituto do termo "determinar", pois parece dar mais espaço às aspirações humanas.

Diferentemente do termo "determinismo", o verbo "influenciar" não possui uma história filosófica quanto ao seu uso e poucos dicionários de filosofia dedicam um verbete a ele. Mais comumente vamos encontrá-lo em dicionários de língua portuguesa. Dos dicionários que foram usados anteriormente, para nos ajudar a entender o significado de Determinismo, apenas o último — de André Lalande — dedica uma seção ao termo.

Segundo Lalande (1993):

> **INFLUÊNCIA** D. *Einfluss*; E. *Influence*; F. *Influence*; I. *Influenza*.
>
> "Antigamente, ação pela qual dimana dos astros um fluido que supostamente age sobre o destino dos homens." Darm., Hatz. e Thomas, sub V^0.
>
> **A.** Ação de uma circunstância, de uma coisa ou de uma pessoa sobre a outra, no sentido mais vago desta palavra (ver *Ação*). Cf. *Influxo*. A palavra

[60] ABBAGNANO, 2007, p. 246.
[61] Ibidem.

> *influência* comporta quase sempre a ideia de que a ação de que se trata se exerce de uma forma gradual, contínua, quase insensível e coopera com outras causas na produção dos seus efeitos. Diz-se, nesse sentido, que aquilo que age *exerce* uma influência. O verbo correspondente é *influir (sobre)*.
>
> **B.** Especialmente, autoridade de prestígio sobre as ideias ou sobre a vontade de outrem. "Ter influência sobre alguém, sobre o andamento de um negócio "considerado como resultante de decisões voluntárias)." *Absolutamente*: ter crédito, ascendente; ser escutado. O verbo correspondente é *Influenciar (at.)*.
>
> **C.** Circunstância, coisa ou pessoa que possui ou exerce uma influência, em qualquer dos sentidos precedentes.[62]

Para os fins desta pesquisa, a definição de Lalande (1993) se mostra sanadora. São três definições, em que o uso varia de acordo com o contexto, mas nenhuma exclui a outra. Nesse sentido, se mostra importante dar ênfase ao trecho onde Lalande (1993) observa o atributo do termo que tem a capacidade de resolver a questão aqui enfrentada. A palavra "influência" carrega consigo as conotações de: ***ação gradual***, ou seja, que tem seu efeito intensificado de acordo com o passar do tempo; ***contínua***, ou seja, permanente ou de forma cíclica (por mais que "cíclico" denote algo que *acaba*, também denota algo que acontecerá novamente); ***quase insensível***, ou seja, que não é sentido de forma explícita ou direta, mas implicitamente e indiretamente; por último, e fundamental, ***coopera com outras causas na produção dos seus efeitos***, ou seja, não age sozinho nem se comporta como causa singular, monocausal ou fator único.[63]

Vejamos um exemplo de algo que seria considerado um "exemplo clássico de determinismo geográfico". Segundo Ratzel (1990, p. 35), Montesquieu é um dos intelectuais antigos que tentou introduzir a questão das influências geográficas em seus estudos, mas que nada tinha de sistematização ou método, apenas exclamava frases soltas e sem contexto, sendo exatamente este tipo de afirmativa que descredibiliza a geografia. Ainda segundo Ratzel, Montesquieu afirmou

> [...] sem muita demonstração, que os climas quentes exercem uma ação depressora e os climas frios uma ação fortalecedora, e disso deduz que nos primeiros as mulheres se encontram em um nível inferior, e os homens são menos corajosos, o povo é mais facilmente excitável, enquanto nos climas frios ocorre o contrário.[64]

Nesta afirmação, faltam evidências e falta determinismo. Supondo que a afirmação fosse

---

[62] LALANDE, 1993, p. 568 [grifos do autor].
[63] *Ibidem*.
[64] RATZEL, 1990d, p. 36.

verdadeira, não teria a ver com determinismo, pois não se trata de uma previsão. Não há fatalidade. Não há como calcular o destino de um povo apenas por ser menos corajoso. Mas em geral, será taxada de "determinismo geográfico" por fazer uma correlação simples e muito direta entre o humor de um determinado povo e o clima. Mesmo assim, esta frase, está no espectro da crítica ratzeliana, pois ele mesmo discorda desse tipo de afirmação.

Ao contrário, podemos ver em vários trechos o repetido uso de termos mais brandos, principalmente o termo "influência", além de ponderar que apenas o fato de um povo habitar determinado lugar não o fará ser influenciado por ele:

> Devemos renunciar totalmente a reconstruir a essência de um povo apoiando-nos em considerações sobre o ambiente físico que o circunda se não podemos saber há quanto tempo ele vive naquele ambiente. A vida breve e agitada dos povos através da história e do presente faz com que estes povos não possam jamais nos fornecer bons exemplos para representar as influências diretas do seu ambiente; eles são muito mutáveis para que possam permanecer um tempo suficiente sob a influência de determinadas condições e assim sofrer uma ação modificadora.[65]

Portanto, quando um geógrafo se propõe a dizer que "um fator geográfico pode causar um certo efeito numa determinada nação", ele não quer dizer, necessariamente, que aquele é o fator mestre, mas como geógrafo, é o fator que "se limitou" a identificar como uma das causas que cooperam, que contribui para a concretização de determinado efeito. Por decorrência, caberia aos especialistas de outras áreas identificarem as causas existentes em suas respectivas ciências.

No terceiro capítulo falarei sobre "*Armas, Germes e Aço*", de Jared Diamond (2020). Nela, Diamond dá ênfase pesada aos fatores geográficos — que obviamente lhe rendeu críticas de determinista —, mas sem excluir outros fatores, e podemos entender que era na Eurásia onde havia a conjuntura de fatores geográficos que permitiram o desenvolvimento de uma potente agricultura — e por consequência —, o surgimento do Estado, da escrita, inovações tecnológicas, mas também de doenças. Então, o ambiente eurasiano forneceu estímulos ao desenvolvimento de nações desenvolvidas e esse é o motivo de ter sido a América colonizada pela Europa e não o contrário. Ou seja, é a noção de que a geografia de uma nação pode promover obstáculos ou estímulos para uma série de "possibilidades de desenvolvimento". Por exemplo, os persas nunca poderiam ter iniciado a idade dos metais se em seu território não fosse possível encontrar jazidas de cobre; os mesopotâmicos nunca

[65] RATZEL, 1990d, p. 68.

poderiam ter domesticado o trigo e a cevada caso não houvesse sementes selvagens de trigo e cevada em seu território. Isso não significa que a fundição de metais ou a agricultura nunca poderia ter sido iniciada em outros lugares. “Poderia”, mas aqueles locais foram os primeiros, pois sua geografia os estimularam. Os incas plantavam, mas os Andes certamente representaram um obstáculo formidável frente à necessidade deles.

CAPÍTULO II – FALSA DICOTOMIA DETERMINISMO-POSSIBILISMO

O ser humano tem uma enorme dificuldade em estabelecer conexões com coisas complexas. Nossa forma de organizar o conhecimento parece simplesmente rejeitar a complexidade dos fatores que compõem a realidade. O modo mais rápido de perceber isso, é observando nossa sede por sempre querer reduzir as coisas de modo dualista, ou seja, insinuar haver sempre dois elementos, um o contrário de (ou oposto a) o outro. Edgar Morin (2005) dedicou-se ao problema da complexidade, e como foi sugerido por ele, nem mesmo a ciência foi capaz de escapar do ímpeto humano por reduzir e simplificar o conhecimento,

> [...] resulta que os modos simplificadores de conhecimento mutilam mais do que exprimem as realidades ou os fenômenos de que tratam, torna-se evidente que eles reproduzem mais cegueira do que elucidação, então surge o problema: como considerar a complexidade de modo não simplificador?[66]

Neste sentido, a Geografia certamente não escapou do anseio humano por uma visão dicotômica do mundo: determinismo contra possibilismo, um caso emblemático. Antes de tudo, a existência já gera um incômodo à psique humana, e sendo uma espécie capaz de conhecimento, nada mais coerente que buscar respostas sobre o mundo onde vive, sobretudo, acerca das relações com ele. Entretanto, caímos na armadilha da simplificação logo de cara: ou somos absolutamente controlados pelo ambiente que estamos inseridos, ou somos absolutamente livres para transformar o ambiente ao nosso bel-prazer e necessidades. Parte da minha intenção é mostrar que essa dicotomia existe mais no "campo dos comentários" do que na pesquisa geográfica em si.

Nesta seção trarei o contexto acadêmico da época dos escritos de Ratzel, seus primeiros comentadores, o "ponto final" dado por Febvre, a perpetuação do rótulo determinista na história da Geografia através de obras em que geógrafos e não-geógrafos dispararam seus comentários superficiais acerca do tema e, por último, o lento resgate do legado ratzeliano evidenciando a falsidade da dicotomia determinismo-possibilismo.

Resgatar Ratzel do rótulo determinista é urgente. Não se trata de dizer que suas teses estavam corretas ou erradas, provavelmente todas as teses dos "patronos" das ciências humanas podem ser consideradas erradas se olharmos para elas com nossos olhos

[66] MORIN, 2005, p. 5.

contemporâneos. Mas o estereótipo determinista sobre Ratzel nos priva de entender de modo mais fidedigno a história da nossa ciência.

2.1 Origens da dicotomia e seus debates

O final do século XIX viu florescer uma enorme quantidade de áreas científicas no que tange ao campo dos ditos "estudos sociais" ou "humanos". Não que estas áreas de estudos não existissem antes, mas é nessa época que passa a ocorrer a institucionalização acadêmica desses estudos, ou seja, a cientifização desses estudos. Como exemplo podemos citar Geografia, História, Sociologia, Antropologia e outras. É nesse momento que Ratzel constrói sua obra, isto é, num momento quando parte da tarefa de institucionalizar uma ciência é a "demarcação de territórios". O ser humano é um classificador, portanto era necessário delimitar até onde iria a área de investigação de cada ciência. O que seria o objeto de uma e de outra.

A biografia de Ratzel é interessante. Apesar de ser um dos fundadores da Geografia, inicialmente esta não era sua área de investigação. Como apontado por Sanguin (1990) é necessário compreender os quatro contextos em torno da obra de Ratzel. Primeiro contexto: iniciou sua vida acadêmica como farmacêutico e naturalista (zoólogo, mais especificamente) por uma questão familiar. É nesse momento que Ratzel conhece o ecologista Ernst Haeckel e tem contato com as ideias evolucionistas de Charles Darwin e Alfred Wallace.[67] Segundo contexto: torna-se jornalista e escreve sobre suas viagens pela Europa. Mas a viagem de destaque é a realizada na América do Norte. Ratzel ficou muito encantado com a história Americana, especialmente sobre seu aspecto expansionista, saindo das 13 colônias na costa leste e iniciando a *marcha ao oeste*.[68] O exemplo americano e o colonialismo do imperialismo europeus seriam explicados através do conceito de *espaço vital* [*Lebensraum*]. Terceiro contexto: em 1875, ao retornar da América, aceita o convite de docente na Universidade Técnica de Munique, assumindo a cadeira de Geografia através do contato com, entre outros, o etnógrafo Moritz Wagner, que foi um dos primeiros mentores do pensamento de Ratzel. Seria sob influência de Wagner que Ratzel chegaria às questões da migração e difusão.[69]

Em pouco mais de um ano, Ratzel termina sua segunda tese de doutorado

[67] SANGUIN, 1990, p. 582; SEEMANN, 2012, p. 4-5.
[68] SANGUIN, 1990, p. 583-584; SEEMANN, 2012, p. 5.
[69] SANGUIN, 1990, p. 584-585; SEEMANN, 2012, p. 5.

> (habilitação para ensinar) sobre as migrações chinesas no mundo [...]. Nela, ele visa discutir a tarefa analítica da geografia humana através dos movimentos da humanidade em relação à sua dependência da sua terra e dos efeitos do ambiente natural sobre o corpo e o espírito humano (seja individual ou coletivo) para mostrar como princípios e leis das ciências naturais poderiam ser aplicados na sociedade humana.[70]

O quarto e último contexto é o Círculo de Leipzig, para onde foi chamado devido à transferência de Ferdinand von Richthofen para Berlim após a morte de Oskar Peschel. Em Leipzig, Ratzel passou a estar rodeado por intelectuais de todas as áreas, ou seja, tendo contato com diversos campos de estudos.

Portanto, são esses diversos momentos da carreira de Ratzel e seu contato com cientistas de outras áreas que justificam a extensão de sua obra por várias áreas do conhecimento.[71]

É na *Antropogeografia* (1882) que Ratzel examina com afinco as influências geográficas sobre os homens, e na obra *Geografia Política* (1897) ele vai conectar as vantagens que um território de uma nação oferece para seu desenvolvimento e a necessidade de expansão do Estado. É aqui que ele introduz o conceito de *Lebensraum*, daí a importância de entender aquele primeiro contexto de Ratzel como naturalista. Ele dedica um texto ao desenvolvimento desse conceito[72].

Entretanto, foi a reunião do estudo do homem com o estudo do espaço [antropogeografia] e introduzir uma perspectiva política na ciência geográfica [geografia política] que culminaria posteriormente na estereotipização de Ratzel como determinista. Apesar de não muito noticiado entre nós geógrafos brasileiros, Émile Durkheim foi um dos primeiros a comentar a obra ratzeliana.

2.2. Durkheim Vs. Ratzel

O "mapeamento" feito por Carvalho (1997) é sagaz ao demonstrar que o rebaixamento da obra ratzeliana através da estigmatização determinista está assentado no corporativismo científico de afirmação identitária, clássico da época. Houve na verdade uma tentativa de

---

[70] BASSIN, 1984 *apud* SEEMANN, 2012, p. 5.
[71] SANGUIN, 1990, p. 585-588; SEEMANN, 2012, p. 5-6.
[72] RATZEL, 1901.

deslegitimação e de descapacitação da Geografia enquanto ciência capaz de estudar o espaço com sua interface humana [antropogeografia ou geografia humana] e sua interface política [geografia política]. Habilidade que hoje nenhum geógrafo ou outro cientista teria a audácia de dizer que a Geografia não possui.

Houve algumas arenas onde o embate contra a obra de Ratzel foi travada: "o *L'Année Sociologique*, fundado em 1897 por Emile Durkheim, ou entre os artigos dos Annales de Geographie, fundado em 1891 por Vidal de La Blache e, também, em importantes trabalhos de Lucien Febvre".[73]

Em *L'Année Sociologique*, já no primeiro volume, numa seção intitulada "*La Sociogeógraphie*", Durkheim faz um *review* do pequeno livro *Der Staat und sein Boden geographisch beobachtet*, de Ratzel, limitando-se a resumir o conteúdo do livro de Ratzel e a tecer considerações elogiosas à Antropogeografia: "elevar a geografia ao nível de uma ciência verdadeiramente explicativa, cujo objetivo não seria simplesmente descrever o aspecto superficial da terra, mas determinar a maneira pela qual a configuração do solo afeta a vida humana em geral [tradução nossa]".[74] Interessante notar que Durkheim não via problema em investigar os efeitos da geografia na vida humana, como falei; o problema era "quem" deveria investigá-los.

No segundo volume de *L'Année Sociologique* Durkheim rebatiza a seção, que passa a se chamar "*Morphologie Sociale*" e também faz um *review* de outra obra de Ratzel, dessa vez sua *Politische Geographie* e "acusa uma certa sobreposição de interesses entre esta [a 'morfologia social'] e a geografia política proposta por Ratzel".[75] Justifica o novo nome apontando que

> A vida social repousa sobre um substrato que é determinado tanto em seu tamanho quanto em sua forma. O que a constitui é a massa de indivíduos que compõem a sociedade, a maneira como se organizam no solo, a natureza e a configuração das coisas que afetam as relações coletivas [tradução nossa].[76]

Ou seja, ele não nega o papel do solo nas relações coletivas, mas que ele é um dos fatores. Entretanto, essa multiplicidade de fatores deve estar sob uma única ciência capaz de investigar seus arranjos, e essa então seria a "Morfologia Social". Ainda lembra que outra "escola" estaria tentando o mesmo, sob o nome de "Geografia Política".

---

[73] CARVALHO, 1997, [s.p.].
[74] DURKHEIM *apud* CARVALHO, 1997, [s.p.].
[75] CARVALHO, 1997, [s.p].
[76] DURKHEIM *apud* CARVALHO, 1997, [s.p.].

> Anunciando, portanto, já o tom da crítica a que submeterá a obra de Ratzel, Durkheim sugere a restrição do significado da palavra geografia e observa a incapacidade dessa ciência para dar conta da síntese pretendida pela *morphologie sociale*: "Sem dúvida, rios, montanhas, etc., entram como elementos na constituição do substrato social, mas não são os únicos, nem os mais essenciais. Mas esta palavra geografia leva quase inevitavelmente a dar-lhes uma importância que eles não têm, teremos a oportunidade de ver isso [Durkheim, tradução nossa]".[77]

Sobre a *Politische Geographie* Durkheim afirma que as considerações gerais de Ratzel repousavam numa sociologia demasiado simplista[78]. Também que não seria necessário para a geografia política tornar-se uma ciência, pois que o território não apresentaria um papel tão essencial na gênese dos fatos sociais.

> O que importaria bem mais seria determinar com a mais possível precisão o objeto desta ciência e os métodos que a torna possível. É lamentável que Ratzel não tenha tratado expressamente essa questão. Ele disse, é verdade, que a geografia política tem por tarefa estudar o Estado em suas relações com o solo; mas a expressão é bem vaga e delimita mal um campo de pesquisas. Pois em que consistem essas relações? A quais signos os reconhece? – Não obstante, o conjunto da obra emerge para o leitor uma noção da geografia política que pode, acreditamos formular como se segue [tradução nossa].[79]

No restante, Durkheim segue com as críticas sobre o objeto, metodologia e resultados encontrados por Ratzel, e que lhe faltaria o olhar de sociólogo, e nesse sentido, afirma "Ratzel, geógrafo eminente, não rejeitará, sem dúvida, a qualificação sociológica"[80].

No terceiro volume do *L'Année sociologique*, Ratzel publica um artigo, intitulado *O solo, a sociedade e o Estado*, e no mesmo volume Durkheim publica outra *review*, dessa vez sobre a outra obra capital de Ratzel, a *Anthropogeographie*. Carvalho (1997) afirma que Ratzel não deu uma resposta direta a Durkheim. Mas acredito que o artigo de Ratzel (1983 [1898]) foi sim uma resposta direta às críticas de Durkheim, pois, ao ler o artigo, tendo em vista as persistentes críticas, fica claro que foi sim uma resposta. Ele explica:

> Como o Estado não é concebível sem território e sem fronteiras, constituiu-se bastante rapidamente uma geografia política, e ainda que nas ciências políticas em geral se tenha perdido de vista com frequência a importância do fator espacial, da situação, etc., considera-se entretanto como

[77] CARVALHO, 1997, [s.p.].
[78] DURKHEIM, 1897b, p. 522.
[79] DURKHEIM, 1897b, p. 522-523.
[80] DURKHEIM *apud* CARVALHO, 1997, [s.p.].

> fora de dúvida que o Estado não pode existir sem um solo. Abstraí-lo numa teoria do Estado é uma tentativa vã que nunca pôde ter êxito senão de modo passageiro. Pelo contrário, tem havido muitas teorias da sociedade que permaneceram completamente alheias a quaisquer considerações geográficas; estas têm mesmo tão pouco lugar na sociologia moderna que é inteiramente excepcional se encontrar uma obra em que elas desempenham algum papel. A maior parte dos sociólogos estuda o homem como se ele tivesse se formado no ar, sem laços com a terra. O erro dessa concepção salta aos olhos, é verdade, no que concerne às formas inferiores da sociedade, porque sua extrema simplicidade faz com que sejam semelhantes às formas mais elementares do Estado. Mas então, se os tipos mais simples de Estado são irrepresentáveis sem um solo que lhes pertença, assim também deve ser com os tipos mais simples de sociedade; a conclusão se impõe.[81]

Essa é a resposta de Ratzel do porquê de os estudos sobre as relações entre sociedade e natureza serem sim uma competência da Geografia. Os sociólogos e outros cientistas concebiam o homem sem considerar seus laços com a terra. O que também abre margem para uma possível recusa para aquele convite de Durkheim para que Ratzel aceitasse o título de sociólogo.

Já no *review* da *Anthopogeographie* de Ratzel, Durkheim "mais uma vez observa a sobreposição, ou invasão de terrenos, promovida pela geografia de Ratzel"[82]:

> A natureza do solo, do clima, etc., certamente tem influência nas representações coletivas, nos mitos, nas lendas, nas artes etc.; mas cabe à sociologia religiosa estudá-los sob esse aspecto. O caráter das nações, surgem assim problemas de etologia coletiva. Da fauna e da flora dependem certas particularidades da vida econômica, é o economista que deve conhecê-las.[83]

E sobre a questão do território apontada por Ratzel, conclui a *review* com "Portanto, não é mais a terra que explica o homem, mas o homem que explica a terra, e se o fator geográfico continua importante a ser conhecido para a sociologia, não é porque lança uma nova luz sobre a sociologia, é que só pode ser entendido por ela".[84] Assim, fica evidente a disputa pela propriedade do estudo das influências do solo e também pela ênfase que lhe deveria ser concedida.

O debate continuou a se desenvolver nos anos seguintes, mas não apenas com publicações de Ratzel e Durkheim, mas outros cientistas participaram. *Reviews* sobre estudos geográficos continuaram marcando presença nos volumes seguintes de *L'Année Sociologique*.

---

[81] RATZEL, 1983 [1898], p. 93.
[82] CARVALHO, 1997, [s.p].
[83] DURKHEIM *apud* CARVALHO, 1997, [s.p.].
[84] DURKHEIM *apud* CARVALHO, 1997, [s.p.].

Nesses anos posteriores ficou praticamente a cargo de Marcel Mauss as considerações acerca da Morfologia Social. Em 1904 publica um artigo; tratava-se de "uma espécie de demonstração prática da proposição investigativa da *morphologie sociale*, aplicada num minucioso e aprofundado estudo das sociedades esquimós"[85]. Como explica Carvalho (1997), a importância desse artigo-monografia reside no parágrafo inicial, no qual Mauss delimita o que entende por Morfologia Social:

> [...] ciência que estuda, não só para descrevê-la, mas também para explicá-la, o substrato material das sociedades, ou seja, a forma que elas afetam ao se estabelecerem sobre o solo, o volume e a densidade da população, o modo como em que se distribui, bem como o conjunto de coisas que servem de sede da vida coletiva.[86]

Carvalho (1997) compara esse trecho de Mauss com um outro trecho de Ratzel onde há uma delimitação sobre os objetivos da Antropogeografia:

> **§29. Tarefas da Geografia do Homem e sua tríplice divisão** — Se considerarmos o homem dentro do quadro geral da vida terrestre, não nos será possível compreender o papel que ele ocupa na Terra, a não se seguindo aquele mesmo método do qual nos valemos para estudar a difusão das plantas e dos animais. Por isso a Geografia do Homem, do mesmo modo que a Zoogeografia e a fitogeografia, deverá *descrever e representar cartograficamente aqueles territórios onde se nota a presença do homem,* separando a parte da Terra que é por ele habitada, ou *ecúmeno*, daquelas que não são. Ela estudará por outro lado a difusão do homem dentro do ecúmeno e fixará os resultados do seu estudo em mapas de densidade de populações poligráficas e itinerárias, e na medida em que a humanidade compreende raças, povos e grupos étnicos menores, a geografia do homem representa também a difusão desses elementos diversos através do mapa das raças humanas, mapas etnográfico, mapas das línguas e mapas políticos.
>
> A descrição e a representação do estado de coisas antropogeográfico são úteis para muitos objetivos da vida, do aprendizado, do trabalho científico; e, quando ambas se realizam, pode-se dizer que foram cumpridas muitas das tarefas práticas da geografia do homem. Mas a ciência nunca se satisfaz por ter respondido à pergunta "ONDE?"; pois quando este quesito é resolvido, ela prossegue adiante e passa à pergunta "DE ONDE?". Já na execução da sua tarefa descritiva, a geografia do homem se encontrará diante de uma grande quantidade de casos nos quais vêm se repetindo fenómenos relativos ao território juntamente com fenômenos relativos à difusão do elemento humano. Passando agora à segunda parte da sua tarefa, esta ciência, ao examinar a área de difusão de cada raça e de cada povo, se colocará a questão: "Como se formou esta área?"; e se apresentarão então ao seu estudo os movimentos do homem na sua dependência do território. Na verdade ela se dará conta de que nenhum povo teve origem no mesmo solo

[85] CARVALHO, 1997, [s.p].
[86] MAUSS & BEUCHAT *apud* CARVALHO, 1997, [s.p.].

> em que habita então, e daí tirará a conclusão de que ele não poderia mesmo permanecer aí eternamente. Alguns povos se expandem e outros são expulsos. E diante de todos os movimentos que daí se seguem, a Terra não representa já um elemento totalmente passivo, mas os direciona, os obstaculariza, os favorece, os torna lentos, os acelera, os desordena e os ordena graças às suas condições incomensuravelmente variadas de posição, de amplitude, de configuração, de riquesa de água e de vegetação. Quando a geografia se aproxima do exame destes fenômenos ela entra em contato com a história que considera o solo como a pátria do cidadão, enquanto aquela o vê como a pátria da humanidade. Também a história considera a humanidade em movimento, embora não costume avançar através do estudo desta até o exame do território, enquanto a geografia, ao contrário, não ignora jamais sua presença.
>
> As tarefas do terceiro grupo referem-se ao estudo das influências que a natureza exerce sobre o corpo e sobre o espírito dos indivíduos, e dai sobre os povos. Trata-se portanto, essencialmente, de efeitos que se devem ao clima, à configuração do solo, aos produtos vegetais ou animais do território. Todos os fenômenos da natureza, passando através do intelecto, exercem uma influência às vezes claramente visível, às vezes sutil e oculta sobre o ser e sobre as atitudes do homem, algumas vezes simplesmente se espelhando nele, outras animando ou retardando sua atividade intelectual. Assim vemos o ambiente físico refletir-se na religião, na ciência, na poesia. Na verdade o exame destas influências compete mais à fisiologia e à psicologia do que à geografia; e isto tanto mais na medida em que tais influências não permanecem inativas no organismo como traços inanimados, mas continuam a produzir seus efeitos na vida material e espiritual do homem. Contudo a geografia do homem ao descrever países e povos não poderá se desinteressar pelos conhecimentos adquiridos nesta matéria, na medida em que estes tocam diretamente todos os problemas relativos à aclimatação.[87]

Quando comparados os dois trechos, parece que o de Mauss foi um resumo do de Ratzel, e por isso Mauss apresenta o que seria diferença de *orientação* da morfologia social:

> Em uma palavra, o fator telúrico deve estar relacionado ao meio social em sua totalidade e em sua complexidade. Não pode ser isolado. E, da mesma forma, quando estudamos os efeitos, é em todas as categorias da vida coletiva que devemos acompanhar as repercussões. Todas essas questões não são, portanto, questões geográficas, mas propriamente sociológicas. Se à palavra antropogeografia preferimos a de morfologia social para designar a disciplina a que este estudo pertence, não é por vão gosto pelo neologismo; é que essa diferença de rótulos reflete uma diferença de orientação.[88]

Então, quando os geógrafos aceitaram o rebaixamento da obra de Ratzel, foi o mesmo que aceitar uma suposta superioridade da Sociologia sobre a Geografia. Optar por uma Geografia Humana que não tem o Espaço como orientação é optar por uma sociologia

---

[87] RATZEL, 1990d, p. 83-84.
[88] MAUSS & BEUCHAT *apud* CARVALHO, [s.p.].

medíocre. Mas não que os geógrafos tenham feito essa escolha de forma consciente. A sistematização da Geografia feita pelo historiador Febvre, a manipulação de falas de La Blache, principalmente, o contexto geopolítico que envolveu a Alemanha e seu expansionismo durante a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais contribuíram muito para o afastamento dos geógrafos da obra de Ratzel e seu suposto "manual do imperialismo".

2.3. La Blache e Ratzel

Direcionar-me-ei agora, ainda com ajuda de Carvalho (1997), para os comentários da obra de Ratzel presentes nos *Annales de Géographie*, publicação fundada por Paul Vidal de La Blache em 1891. Assim como no caso de *L'Année...* de Durkheim, logo no primeiro número, Ratzel também já marca presença, tendo sua *Anthropogeographie* revisada por Louis Raveneau. O autor entra na questão dos territórios científicos e afirma que "a estatística e a etnografia, longe de alimentar a antropogeografia, também se desenvolveram às suas custas; ao perder a noção de espaço, perderam o caráter geográfico. M. Ratzel reduzirá essas ciências ao seu próprio papel, o de auxiliares".[89] E elogia o fato de Ratzel ter integrado os estudo do homem à Geografia:

> Insistiu fortemente na necessidade de concepções globais, nas condições gerais e nas grandes leis das quais depende a distribuição da vida na terra e indicou como esse estudo poderia ser frutífero. Seu principal mérito é ter reintegrado o elemento humano na geografia. Desta forma, ele deu a esta ciência uma nova direção e impulso.[90]

E destaca o papel que considero ser o pelo qual Ratzel deveria ser lembrado (em vez do de "determinista"): "Entre a geografia física, às vezes invasiva ou excludente, e as ciências humanas que tão facilmente negligenciam o quadro em que o homem se move e o espaço em que vive, M. Ratzel tomou uma posição".[91] Ou seja, nem uma ciência "dos lugares", como disse Vidal (e que intérpretes apressados podem ter entendido como um convite a ignorar o aspecto humano do espaço); tampouco uma ciência negligente ao substrato que sustenta a vida humana.

La Blache fez muitas referências ao trabalho de Ratzel, às vezes elogiando-o, às vezes criticando. Entretanto, ao lermos as considerações de La Blache sobre Ratzel, não é possível

---

[89] RAVENEAU *apud* CARVALHO, 1997, [s.p.].
[90] *Ibidem.*
[91] *Ibidem.*

observar uma rivalidade ou um embate fervoroso, tal como é possível já observar entre Durkheim e o alemão. É assim no início de seu artigo *A Geografia Política a propósito dos escritos de F. Ratzel* (2009a [1897]), em que o francês demonstra captar a relevância do estudo que Ratzel propunha: entender a sociedade enquanto relacionada com a sua geografia. Mas diferente dos sociólogos, La Blache não fará suas críticas com intenção de desqualificar a proposta. Sobre a *Geografia Política*, La Blache é claro:

> Enquanto a geografia física de fato atrai para si uma legião crescente de pesquisadores, é preciso convir que, neste último quarto de século, a geografia política foi menos favorecida. [...]. Mas os tempos passaram e este ramo da ciência não atingiu o nível de progresso alcançado no seu entorno. De nossa parte, cremos firmemente que, em definitivo, nada seria mais fecundo para a geografia política que o desenvolvimento tão marcante que alcança, sob nossos olhos, o estudo físico do globo. As relações entre o homem e o meio no qual se exerce sua atividade não podem deixar de se revelar mais claramente à medida que hesitarmos menos através do estudo das formas, dos climas e da repartição da vida. Mas ainda é preciso que um trabalho de aproximação intervenha entre estas ordens de estudo. Seria em vão confiarmos esta tarefa ao acaso ou ao tempo. Ao contrário, o momento sem dúvida parece ter chegado, e a iniciativa perseverante do Sr. Ratzel põe em foco uma carência que começa a preocupar todo mundo. "De novo, diz ele, ouve-se o ressoar das queixas sobre a frieza da geografia política, queixas tão antigas quanto o ensino da geografia.[92]

Ou seja, La Blache entendia ser necessário a construção da Geografia Política, algo que estaria em curso. É que o escopo da Geografia Política ainda não estava totalmente claro; além de reconhecer que o conjunto de fenômenos a serem estudados estava em disputa entre outras ciências[93].

Com isso, apesar de La Blache adotar uma postura crítica quanto à carência de clareza na definição da geografia política, parecida com a de Durkheim[94] — que via nessa ausência de definição uma justificativa para migrar esses estudos para a sociologia, sob o título de Morfologia Social —, parece desejar contribuir para essa construção sob o guarda-chuva da Geografia. Inclusive, numa nota ele propõe que a Geografia Política deixasse de ser um desenvolvimento especial da Geografia Humana e passasse a ser entendida em sentido amplo, isto é, contemplando toda a Geografia Humana.

Como vimos anteriormente, a questão das influências é apenas uma das tarefas da proposta da antropogeografia de Ratzel, mesmo assim, Ratzel não esconde que este aspecto é

---

[92] LA BLACHE, 2009a [1898], p. 84-85.
[93] LA BLACHE, 2009a [1898], p. 85.
[94] DURKHEIM, 1897b.

central em seus estudos. De acordo com o imaginário construído em torno de Ratzel e La Blache e suas supostas escolas — determinista *vs*. possibilista — somos induzidos a pensar que dificilmente encontraríamos o francês concordando com o alemão de modo explícito. Entretanto, é o que acontece várias vezes, como no exemplo a seguir:

> Os historiadores que se preocuparam em destacar as influências geográficas obedeceram, sobretudo, à idéia de que estas influências, muito fortes ou mesmo preponderantes no início, enfraqueciam-se em seguida, ao ponto de se tomarem, para muitos deles, negligenciáveis. Este ponto de vista não deveria ser o do geógrafo. Seguramente, a emancipação pela qual o homem pouco a pouco se liberta do jugo das condições locais, é uma das lições mais instrutivas que nos proporciona a história. Mas, civilizado ou selvagem, ativo ou passivo, ou, sobretudo, sempre, ao mesmo tempo um e outro, o homem, nestes diferentes estados, não deixa de fazer parte integrante da fisionomia geográfica do globo. Através dos estabelecimentos que ele constrói na superfície do solo, pela ação que exerce sobre os rios, sobre as próprias formas do relevo, sobre a flora, a fauna e todo o equilíbrio do mundo vivente, ele pertence à geografia, onde joga um papel de causa. Ainda que a habitabilidade não cubra inteiramente o globo, pode-se dizer que, nas raras regiões em que ele não penetra, a ação preponderante que exerce sobre o mundo da vida não deixa, em certa medida, de se fazer sentir. A superabundância da vida animal que encontra refúgio em uma parte das regiões polares é ainda um indício indireto da sua presença.[95]

Este trecho seria suficiente para demonstrar que a dicotomia entre os dois é falsa, pois neste momento La Blache é tão incisivo quanto Ratzel sobre a necessidade de se investigar as influências geográficas. Inclusive, Ratzel em diversos trechos reconhece que as influências geográficas sobre os povos se enfraquecem à medida que tal nação desenvolve-se culturalmente e evolui. Ou seja, em certo ponto La Blache poderia ser considerado até "mais determinista" que Ratzel. Mas como vimos no capítulo anterior, apesar da definição de determinismo ser um pouco nebulosa, o termo nada tem a ver com a Geografia. E, vale lembrar, os dois autores nunca "se rotularam" em termos tão taxativos, e sequer viam as *influências geográficas* ou os *gêneros de vida* como os principais aspectos aos quais poderiam ser resumidos seus pensamentos.

Seguindo ainda por este artigo-comentário de La Blache sobre a *geografia política* de Ratzel, o autor apresenta exemplos de como a geografia favorece algum tipo de atividade e como o homem tira proveito disso:

> Porque é bem mais como ser dotado de iniciativa que como ser sofrendo passivamente as influências exteriores que o homem possui um papel geográfico. A montanha oferece-lhe um meio de evitar o ataque de seus

[95] LA BLACHE, 2009a [1898], p. 85.

> inimigos, ou, em certos casos, de livrar-se dos perigos do clima; o rio, uma via de circulação; a ilha, um refúgio ou um ponto de apoio mais cômodo da atividade comercial. Mas, ao mesmo tempo em que o atrai por diferentes razões, cada uma dessas formas terrestres revela sua engenhosidade com as necessidades especiais de existência.[96]

Não é quando o homem sofre passivamente, mas quando age ativamente que ele revela seu papel geográfico. Eis aí uma passagem que pode ser tomada como exemplo que sustenta o imaginário de um La Blache "possibilista". Mas, efetivamente, não se configura como um ponto de vista diferente do Ratzel. Sobretudo quer justificar por que o estudo desses fenômenos seria competência da Geografia: foi a organização inorgânica e orgânica do espaço que favoreceu ou atraiu o homem, e o impulsionou a um determinado comportamento.

Outro aspecto em que La Blache parece concordar com Ratzel está relacionado à visão organicista do Estado. É possível encontrar referências com críticas à esta visão ratzeliana, sendo a Geografia Política considerada um "verdadeiro manual do imperialismo"[97]. Entretanto, La Blache a utiliza e elogia:

> Nesta hierarquia de formas de agrupamento, a cidade representa num grau de destaque a emancipação do meio local, uma dominação mais forte e mais ampla do homem sobre a terra. A natureza, para isso, sem dúvida, preparou os sítios: nas passagens ou embocaduras dos rios, nas saídas das montanhas, no contato das zonas de climas muito diferentes. Mas é o homem quem cria o organismo. Pelas estradas que ele constrói, faz convergir até o ponto designado relações novas. A incerteza das relações no estado de natureza a cidade substitui por um princípio de estabilidade e continuidade. Ela dá à comunidade política a solidez da pedra com a qual constrói seus monumentos. A afluência dos produtos e a diversidade das formas de trabalho atraem para ela elementos diversos da população que aí se estabelecem. É difícil imaginarmos a possibilidade de que se formem Estados onde já não se encontrem importantes fundações de cidades para fixar, mudar e estender as relações. É sobretudo pelas cidades que se perpetuaram na França as tradições e a língua de Roma. Foi pelas fundações urbanas de Carlos Magno e dos Otons que a Germânia tomou corpo. A cidade é hoje, na América e na Austrália, o signo por excelência da apropriação européia, o núcleo do Estado.[98]

Em outro trecho retoma de forma direta, mas com uma ressalva, que, entretanto, não visa desqualificar o conceito ou estabelecer uma crítica mais contundente:

> Existe uma palavra da qual seria bom não abusar, mas que o Sr. Ratzel usa com razão ao falar dos Estados — a noção de organismo vivo. Esta

[96] LA BLACHE, 2009a [1898], p. 86.
[97] SION, 1904, p. 171.
[98] LA BLACHE, 2009a [1898], p. 91.

> expressão somente designa, por uma fórmula contundente, a lei de desenvolvimento que domina as relações do homem e do solo. Uma cidade, um Estado, no verdadeiro sentido da palavra, são expressões muito avançadas deste desenvolvimento; mas na sua origem existe um núcleo que lhes deu início, um ponto sólido ao redor do qual, por uma espécie de cristalização, agruparam-se as partes anexas. Neste sentido, parecem com seres vivos. Aqui intervêm plenamente as causas geográficas. E necessário, com efeito, localizar exatamente os fatos, estudá-los em sua ordem natural, isto é, do mais simples ao mais complexo, para discernir nestas combinações que chamamos de Estado, a força inicial que, com o tempo, serviu de centro de atração. Na origem do desenvolvimento político da Île-deFrance, de Brandemburgo, do Grão-Ducado de Moscou, de Nova York, percebemos distintamente a ação de certos traços locais que, progressivamente, desencadearam outras causas.[99]

Portanto, apesar do comentário de Sion, em 1904 (mesmo ano em que Ratzel morre e La Blache escreve seu necrológio[100]), concordando com as críticas dos sociólogos, sugerindo que os estudos de Ratzel deveriam estar realmente fora da Geografia[101], nos parece que dentro da disciplina as referências à obra de Ratzel ficaram mais restritas a considerações elogiosas e ressalvas construtivas.

2.4. Febvre Vs. Ratzel

Vemos como a dicotomia entre Geografia e outros campos das ciências sociais foi sendo construída. É neste momento que ocorre a criação da (falsa) dicotomia determinismo-possibilismo. E há um personagem que deve ser mencionado como protagonista dessa criação: Lucien Febvre.

É na obra *La Terre et l'Évolution Humaine* (1922) que o historiador francês realiza uma "sistematização" da ciência geográfica realizada na Alemanha e na França, e lança o que viria a se perpetuar como uma "divisão" dentro da Geografia. Ou, como indica Carvalho (1997), "o ponto final dado à discussão" que vimos anteriormente. Segundo Mercier (2011), "tal oposição provém, em larga medida, do comentário partidário de Lucien Febvre". A sistematização tinha como objetivo "garantir o triunfo de Vidal sobre Ratzel", em que a principal qualidade do possibilismo — doutrina que lhe foi atribuída, mas por ele nunca

---

[99] LA BLACHE, 2009a [1898], p. 92.
[100] LA BLACHE; ZIMMERMANN, 1904, p. 466.
[101] SION, 1904, p. 173.

proferida[102] — seria a capacidade de "invalidar o falacioso determinismo"[103] de Ratzel — doutrina da qual fora, na verdade, um dos maiores críticos.[104] Mesmo favorecendo a difusão da Geografia vidaliana, tais rótulos não fizeram justiça nem mesmo à obra do francês, pois a eficácia dessa fórmula não foi capaz de "dar conta de modo adequado a um pensamento complexo e nuançado, elaborado meticulosa e pacientemente ao longo de numerosos livros e artigos"[105]. Uma passagem de Febvre, que formulou a divisão de pensamentos, aparece logo na introdução, ao final do tópico II — "Geografia Humana e seus críticos" —, e diz:

> Não entraremos imediatamente, porém, em detalhes teóricos. Não perguntaremos se não há realmente fissuras no edifício geográfico, nem se é possível seguir ao mesmo tempo, e com a mesma sensação de segurança, os "deterministas" à maneira de Ratzel, e o que talvez possamos chamar os "possibilistas" segundo o padrão de Vidal.[106]

Uma segunda frase também ficou bastante conhecida. É a que Febvre formula o que viria a ser difundido como o "conceito de possibilismo". Ela está localizada na parte três — "Possibilidade e diferentes modos de vida" —, no primeiro parágrafo do capítulo três — "Típicos modos de vida: caça e pesca" —, e diz:

> Não existem necessidades, mas por toda parte possibilidades; e o homem, como o mestre das possibilidades, é o juiz de seus usos. Isso, pela inversão que envolve, coloca o homem em primeiro lugar — homem, e não mais a terra, não as influências do clima, não as condições determinantes das localidades.[107]

A frase de Febvre foi tão marcante que levou pesquisadores da história da Geografia a dizerem que o próprio La Blache teria criado o possibilismo. Como Geoffrey Martin (2005), que escreveu:

> Vidal apresentou uma refutação efetiva da ideia de determinismo ambiental. A partir do segundo volume da Anthropogeographie de Ratzel, ele formulou o conceito de possibilismo. A natureza, ele insistia, impõe limites e oferece possibilidades de assentamento humano, mas a forma como o homem reage ou se ajusta a essas condições dadas depende de seu próprio modo de vida tradicional (Vidal, 1899). Mais tarde, Lucien Febvre (1922) publicou "*La terre et l'evolution humaine*", traduzido para o inglês em 1925 como *A*

[102] MERCIER, 2011, p. 8.
[103] MERCIER, 2011, p. 8
[104] Ibidem, p. 7.
[105] Idem.
[106] FEBVRE, 1925, p. 20.
[107] FEBVRE, 1925, p. 236.

> *Geographical Introduction to History*. Este foi o trabalho acima de todos os outros que ajudou a substituir as visões do determinismo geográfico pela filosofia do possibilismo ("Não há necessidades, mas possibilidades em todos os lugares").[108]

Veja que mesmo Martin, conhecendo a obra de Febvre, cunhador original do termo-rótulo, diz que foi Vidal quem teria formulado o conceito de possibilismo em refutação à obra de Ratzel, ou seja, endossando o imaginário de num embate direto entre os dois.

Como vimos no capítulo anterior, o sufixo "-*ismo*" tem o desígnio linguístico de transformar em dogma, doutrina ou ideologia o termo ao qual ele adere. No caso aqui tratado, determinação em *determinismo*; possibilidade em *possibilismo*. La Blache e Ratzel foram astutos o suficiente para não imputarem como dogmáticos ou restritivos seus pensamentos. As ideologias são um dos maiores problemas contra os quais nós, enquanto sociedade, devemos lutar. Pois as ideologias estabelecem uma série de códigos de condutas que restringem a ação prática e intelectual. Nesse sentido, quando Febvre estipulou que a obra de Ratzel seria determinista e que a de La Blache seria possibilista, seu objetivo era simplificar a questão, ou seja, reprimir a complexidade que a investigação exigia, como mostra a introdução de Antunes (2021),

> A sistematização pragmática, simplista e cartesiana assentada na produção teórica hegemônica, utilizada como suporte facilitador, servindo ao enquadramento de conjuntos de conteúdos, conceitos e autores de forma estigmatizada, produz severos prejuízos na apreciação de geógrafos em formação, desenhando um imaginário conceitual consolidado e indiscutível.[109]

Ao separá-los em dois segmentos, foi como se Febvre dissesse: "aqueles que acham que a natureza é mais forte e domina o homem devem seguir Ratzel. Mas aqueles que acreditam na capacidade do homem de transformar seu ambiente devem seguir La Blache".[110] Mas volto a repetir: não é sobre quem é mais forte, se o homem ou a natureza [sendo o homem parte da natureza, esta pergunta tem ainda menos sentido], mas sim como a natureza e o ambiente *influenciam* o homem e como o homem *modifica* e altera a natureza e o ambiente ao seu redor de acordo com as suas necessidades. Não se trata de uma via de mão única, em que apenas um pode ser o dominante, mas sim de uma via de mão dupla, em que os dois estabelecem relações múltiplas e assumem diferentes papéis a depender do contexto.

---

[108] MARTIN, 2005, p. 198.
[109] ANTUNES, 2021, p. 150.
[110] MERCIER, 2011, p. 8.

A estigmatização da Geografia Humana de Ratzel foi construída sobre o, já polêmico, campo de investigação das influências geográficas que, como ele próprio indicou, consiste em apenas uma das três partes dos objetivos da Antropogeografia[111]. Esta estigmatização, apesar de estar inserida no contexto nacionalista do revanchismo franco-germânico, também aparece como uma tentativa de invalidar a capacidade científica da Geografia em investigar as dinâmicas humanas. Justamente os autores que fomentaram a discussão sobre essa capacidade da disciplina, eram cientistas de áreas que tratavam especificamente das dinâmicas humanas, e podem ter experimentado a sensação de que o seu objeto de estudo estaria sendo usurpado por outros campos, em um misto de invídia e ressentimento.

Porém, é interessante notar que é logo após ter estabelecido os objetivos de sua antropogeografia que Ratzel deixa um alerta, quase prevendo as discussões que viriam a existir em torno de sua obra. Ele diz:

> **§30. A geografia é uma ciência auxiliar?** — Em contraposição à afirmação hoje difundida de que a geografia é uma ciência auxiliar da história, recordemos aqui a pergunta de Kant: "Qual das duas ciências existiu antes, a história ou a geografia?". Kant responde: "A geografia está na base da história, porque os fatos históricos devem também ter um elemento ao qual se referir". Enquanto o historiador considera o solo como algo de acessório, ele também atribui pouco valor aos serviços que a geografia presta à investigação histórica com o estudo e a descrição deste; mas aqueles serviços lhe parecerão tanto maiores quanto maior é a importância que ele passa a atribuir ao conhecimento do ambiente físico. A própria geografia pode contribuir para aumentar esse interesse dedicando-se intensamente ao estudo do elemento humano, com o que estará tornando mais fácil à história a investigação das mutáveis relações que se estabelecem entre o solo e os acontecimentos históricos que se desenvolvem sobre este. Mas o nome de ciência auxiliar não tem no caso nenhum sentido, pois qualquer ciência pode se tornar útil a uma outra sem por isso se tornar sua serva. Não há nenhuma ciência que seja tão auxiliar, assim como não há ciência que não possa prestar algum serviço a qualquer das ciências irmãs. É neste sentido que consideramos a geografia e a história da humanidade como ciências irmãs, do mesmo modo que a geografia e a geologia.[112]

O que é efetivamente diferente dos comentadores construtores da dicotomia, é a postura por ele adotada: a de união entre as ciências. Onde as fronteiras entre as ciências são permeáveis e os fenômenos apresentam múltiplos ângulos de investigação, podendo as ciências apoiarem-se umas nas outras, tornando-se mais fortes.

---

[111] RATZEL, 1990d, p. 83-84.
[112] *Ibidem*, p, 84-85.

2.2 Os perpetuadores do rótulo

Entendo que parte do esforço de resgatar a ideia das influências ambientais depende também de resgatar o legado da obra de Friedrich Ratzel do estereótipo do determinismo geográfico simplista, risco de que ele próprio alerta no início de sua *Anthropogeographie*.

Ali Ratzel (1882) trata das possíveis influências do solo na sociedade. O primeiro ponto de destaque, válido de ressaltar, é o cuidado tomado pelo alemão ao abordar o assunto, o que nos faz pensar se os rotuladores de Ratzel realmente teriam examinado o trabalho com a devida atenção. É possível que este cuidado tenha decorrido justamente de um anseio que o texto não fosse tomado como determinista, pois em diversos trechos é possível perceber várias críticas aos métodos utilizados por outros pesquisadores e às conclusões alcançadas também.

O segundo ponto de destaque aparece logo nas primeiras páginas, onde Ratzel faz um resgate de outros autores que abordaram antes dele a questão das influências, tecendo muitas críticas e poucos elogios. Sobre Buffon (1707-1788), em sua *Histoire Naturelle de l'Homme* (1749), Ratzel indica que a obra foi importante para despertar a curiosidade sobre o assunto das influências, mas que está "repleta de dados errôneos".[113] Ao passo que critica Kant (1724-1804), Rousseau (1712-1778) e Herder (1744-1803), elogia Forster, pois considera que "nossa vida é muito breve, nosso conhecimento sobre as migrações dos povos muito incompleto, nossas observações físicas há muito pouco tempo iniciadas para que seja lícito chegar a conclusões seguras!".[114] Nesse sentido, seus principais alvos são aqueles que trataram do assunto de maneira simplista — sendo esses os mais comuns — e não enxergaram sua complexidade, chegando apenas a um determinismo simplista, em que o homem é produto de seu ambiente.

Inclusive, é assim que a obra de Ratzel é resumida nos manuais de história da Geografia: "Ratzel = determinismo ambiental".[115] Um exemplo está no próprio Moraes (2007 [1987]), responsável por organizar a única tradução publicada em forma de livro no Brasil. Ele diz:

---

[113] Ibidem, p. 36.
[114] *Ibidem*, p. 38.
[115] SEEMANN, 2012, p. 2.

> De resto, Ratzel manteve a visão naturalista: reduziu o homem a um animal, ao não diferenciar as suas qualidades específicas; assim, propunha o método geográfico como análogo às demais ciências da natureza; e concebia a causalidade dos fenômenos humanos como idêntica a dos naturais. Daí, o mecanismo de suas afirmações. Ratzel, ao propor uma Geografia do Homem, estendeu-a como uma ciência natural.[116]

E é curioso ler esse trecho porque nas páginas anteriores o autor realiza um resumo da obra de Ratzel, incluindo o contexto histórico da unificação alemã bismarquiana sobre a qual a obra de Ratzel está amparada e se justifica — não no sentido de ser verdadeira, mas de ser coerente com sua época.[117] Além disso, ainda antes do trecho citado, Moraes também indica o cuidado de Ratzel com o assunto, e destaca:

> Ratzel realizou extensa revisão bibliográfica, sobre o tema das influências da natureza sobre o homem, e concluiu criticando as duas posições mais correntes: a que nega tal influência, e a que visa estabelece-la de imediato. Diz ele que estas influências vão se exercer mediatizadas, através das condições econômicas e sociais. Para ele, a sociedade é um organismo que mantém relações duráveis com o solo, manifestas, por exemplo, nas necessidades de moradia e alimentação. O homem precisaria utilizar os recursos da natureza, para conquistar sua liberdade, que, em suas palavras, "é um dom conquistado a duras penas".[118]

Portanto, Ratzel critica justamente os que viriam a ser os denominados deterministas e possibilistas; e reconhece: é utilizando os recursos do seu solo que o homem se liberta dele, ou seja, vai se tornando cada vez mais ativo em relação a ele. Ironicamente, essa seria uma exposição tida como típica de um autor de linha possibilista. Mesmo assim, Moraes resume a obra de Ratzel ao "determinismo geográfico", indicando o vício acadêmico de se atribuir esse rótulo ao alemão.[119] Na verdade, Moraes (2007) rotula Ratzel pelo que ele não fez — não diferenciar o homem por suas qualidades específicas.

Mas Moraes (2007) lembra que Ratzel privilegiou o aspecto humano no curso da história, iniciando a Geografia Humana,[120] seguindo o legado de Ritter e reconhecendo o homem como parte do objeto geográfico[121]. Um ponto de grande relevância lembrado por Moraes (2007) é sobre como na verdade a "escola determinista" é um legado dos discípulos

---

[116] MORAES, 2007, p. 71.
[117] Ibidem, p. 67.
[118] Ibidem, p. 70.
[119] Ibidem, p. 71.
[120] Ibidem.
[121] Ibidem, p. 63.

de Ratzel, os quais extrapolaram e radicalizaram suas ideias, tais como Ellen Semple e Ellsworth Huntington, que buscavam estabelecer leis.[122] Porém, Ratzel alerta exatamente sobre isso: "é justamente na sedução que esses problemas exercem sobre o homem que se oculta o enorme perigo de se chegar a conclusões apressadas, e é por isso que pretendemos proceder com extrema cautela".[123]

Ainda sobre o texto de Moraes (2007), conseguimos perceber o vício acadêmico que é vincular Ratzel ao determinismo geográfico: ele aponta que a partir das formulações de Ratzel também surgiu o que denominou-se "escola ambientalista" e a define como uma corrente que "propõe o estudo do homem em relação aos elementos do meio em que ele se insere", sendo uma espécie de "determinismo atenuado, sem a visão fatalista absoluta".[124] Mas o autor afirma que apesar das primeiras bases terem sidas lançadas por Ratzel, ela não pode ser afiliada diretamente à sua antropogeografia, pois o ambientalismo é mais recente. Aqui, vejo que são dois erros cometidos: primeiro, epistemologicamente, não faz sentido apelidar o ambientalismo de determinismo atenuado, justificando que ele mantém a concepção naturalista, mas sem a causalidade mecanicista. Pois, como vimos no primeiro capítulo, o determinismo é equivalente ao mecanicismo, porque só poderíamos prever os desdobramentos da história e evolução da humanidade caso ela se comportasse de modo mecânico, isto é, de modo matemático. Segundo, ele insiste na manutenção do rótulo determinista para Ratzel mesmo após indicar que o alemão tinha estipulado as bases para uma escola em que "a natureza não é mais vista como determinação, mas como suporte à vida humana", sendo que seria esta uma boa definição para a antropogeografia de Ratzel.

---

[122] Ibidem, p. 71.
[123] RATZEL, 1990d, p. 56.
[124] MORAES, 2007, p. 73.

CAPÍTULO III – ARMAS, GERMES E AÇO, DE JARED DIAMOND: UM EXEMPLO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS

Neste último capítulo, me inclinarei, de forma mais breve, sobre uma obra em que a geografia é apresentada como um dos componentes dentro do conjunto de fatores relevantes no curso do desenvolvimento da humanidade ao longo da história. Com isso, busco evidenciar como a Geografia contemporânea pode se apropriar desses estudos e se desgarrar do estereótipo do determinismo geográfico – rótulo esse que foi atribuído aos nossos clássicos com o objetivo de desqualificá-los e de descapacitar a Geografia enquanto ciência capaz de investigar as dinâmicas humanas através de seu prisma: o espaço.

Utilizarei apenas uma publicação como exemplo, pois ela se demonstrou extensa e complexa o suficiente, dando muito protagonismo à geografia; apenas para que fique claro: dar protagonismo à geografia não significa que a obra apresente explicações monocausais ou fator-único, mas que a geografia pode ser um fator relevante. A obra analisada será *Armas, Germes e Aço*, de Jared Diamond (2020 [1997]) e refere-se ao papel relevante da geografia no curso da história.

Responder à pergunta "*O que a Geografia estuda e para que serve este estudo?*" é de longe uma das mais frequentes indagações que nós geógrafos nos fazemos. Portanto, não é meu objetivo aqui entrar no mérito desta longa discussão. Dito isso, irei considerar que a Geografia é a ciência que se debruça sobre a investigação do espaço, mais especificamente, sobre a organização espacial; ou seja, disposição, distribuição, localização, composição, posição, quantidade e qualidade dos elementos no espaço. Isso inclui os elementos animados — tais como animais e seres humanos — e inanimados, como as rochas e rios. Inclui também elementos mentais ou imaginários — tais como a cultura ou os Estados e impérios. Além, é claro, dos dinâmicos processos físicos e químicos da natureza, como a chuva ou o vulcanismo.

Jared Diamond (1937-presente) é professor de Geografia da Universidade da Califórnia (UCLA), iniciou sua carreira científica em fisiologia ampliando seu campo de pesquisas para a biologia evolutiva e biogeografia. É membro da Academia Americana de Artes e Ciências, da Academia Americana Nacional de Ciências e da Sociedade Filosófica Americana. Recebeu bolsa de estudos da Fundação MacArthur e diversos prêmios, como o

Prêmio *Burr*, da *National Geographic Society*, a Medalha Nacional de Ciências, o Prêmio *Tyler* de Conquista Ambiental, o Prêmio *Cosmo* do Japão e o prêmio *Lewis Thomas*, concedido pela *Rockefeller University*. Publicou mais de 600 artigos nas revistas *Discover*, *Natural History*, *Nature* e *Geo*. Ademais, o livro *Armas, Germes e Aço* foi vencedor do Prêmio *Pulitzer*, em 1998.

Portanto, Jared Diamond é um geógrafo — biogeógrafo, mais especificamente — reconhecido internacionalmente e suas obras, apesar do aparente peso científico, foram bem recebidas pelo público não acadêmico.

Uma das perguntas que norteiam *Armas, Germes e Aço* pode ser assim traduzida: Por que foi a Europa que colonizou o mundo a partir de 1500, e não o contrário?[125] Por muito tempo, principalmente após a Teoria da Evolução de Darwin, uma corrente de pensamento eurocêntrica explicava que essa dominação deu-se devido a uma "superioridade racial europeia"; isto é, genética. Os europeus seriam biologicamente superiores, mais inteligentes, mais cultos, mais espirituosos, mais fortes, mais civilizados, mais tecnológicos etc. E eles teriam surgido naturalmente assim, abençoados por Deus, quase como uma espécie humana diferente. Mas, atualmente, sabemos que há apenas uma espécie humana na Terra: o *homo sapiens.* Até mesmo o conceito de *raça* já se tornou obsoleto, sendo preterido pelo de *etnia*; ou seja, as diferenças encontradas entre os povos humanos são, em sua maioria, de ordem cultural.

Mas apesar do certo desinteresse dos historiadores em responder esta pergunta — em geral, a tendência é apontar um motivo moral, isto é, a "ganância mercantilista", a cultura da exploração etc. —, ela ainda segue como uma questão. Mas ao pensar por um momento, logo chegamos a uma resposta satisfatória: os europeus colonizaram o mundo por serem mais desenvolvidos tecnologicamente. Não que necessariamente eles tivessem desenvolvido localmente aquelas tecnologias, mas podemos afirmar que havia uma certa concentração delas no território europeu no final do século XV. Esta resposta está certa, entretanto ainda não é exatamente o que buscamos entender. Pois por mais que tenham sido os artefatos tecnológicos — mas não apenas — uma resposta, surge outra pergunta: Por que a Europa, e não qualquer outra parte do mundo, estava mais desenvolvida tecnologicamente na altura do século XV? Esta também é uma das perguntas que norteiam a obra de Diamond (2020). Portanto, se a diferença entre os povos é principalmente cultural, e não genética, quais fatores levam uma

[125] DIAMOND, 2020, p. 15.

cultura a ser diferente da outra e, consequentemente, um desenvolvimento social diferente?

Ainda segundo o autor, é possível resumir a sua obra da seguinte forma: "A história seguiu diferentes rumos para diferentes povos devido às diferenças entre os ambientes em que viviam e não devido a diferenças biológicas entre os povos"[126]. Portanto, assume claramente que sua obra tratará sobre as influências ambientais. E logo no parágrafo seguinte o autor, já prevendo as críticas, antecede afirmando que

> Naturalmente, o conceito de que o meio ambiente geográfico e a biogeografia influenciaram o desenvolvimento social é antigo. Hoje em dia, entretanto, essa opinião não é bem-vista pelos historiadores. É considerada errada ou simplista, ou é classificada de determinismo ambientalista e rejeitada — ou, ainda, toda essa questão de tentar compreender as diferenças do mundo é evitada por ser muito difícil. A geografia, obviamente, teve *algum* efeito na história. A questão que permanece aberta é sobre a extensão desse efeito e se a geografia pode ser responsável por um padrão mais amplo de história [grifo do autor].[127]

Neste pequeno parágrafo, Diamond (2020) resume os principais problemas internalistas e externalistas sobre a investigação das influências ambientais. Ela é "*antiga*" e ela não é mesmo "*bem vista pelos historiadores*". Como vimos no capítulo 2, as críticas iniciadas por Durkheim, direcionadas a Ratzel e à Geografia, consagraram-se no rótulo de "determinismo geográfico", dado pelo historiador L. Febvre, desqualificando a geografia como agente relevante na História e dentro da própria Geografia. E as influências são "*difíceis de investigar*". Assim como Ratzel indicava, as influências geográficas são difíceis de ser percebidas, pois agem apenas limitando as opções, impondo obstáculos ou estímulos — "ação de que se trata se exerce de uma forma gradual, contínua, quase insensível e coopera com outras causas na produção dos seus efeitos".[128] Mas, apesar de quase insensível e cooperar com outras causas, "*teve* algum *efeito na história*". Bem, são esses efeitos que o autor busca salientar.

A primeira parte do livro compreende três capítulos. No capítulo 1, o autor detalha como ocorreu a dispersão humana a partir da África pelo Mundo, aproveitando para explicar conceitos básicos da Paleontologia e Biogeografia. Já nos capítulos 2 e 3, o autor segue com dois exemplos de povos que foram subjugados por outros. Primeiro ele relata um evento do século XIX, conhecido como "O Genocídio Moriori", que conta como este povo, das Ilhas Chatham, foi subjugado e exterminado de forma cruel pelos Maoris, da Nova Zelândia.

[126] DIAMOND, 2020, p. 25.
[127] Ibidem, p. 26.
[128] LALANDE, 1993, p. 568.

Depois, relata como os milhares de Incas foram dizimados por um punhado de marinheiros enviados pela coroa espanhola para a América do Sul.

Segundo Diamond (2020), o fator determinante, que permitiu o triunfo dos Maoris sobre os Morioris, e dos espanhóis sobre os Incas, foi o estágio do desenvolvimento agrícola no qual essas sociedades se encontravam. Sendo que o desenvolvimento agrícola é impulsionado pelas vantagens geográficas dos ambientes de cada povo. Os Maoris são descendentes de fazendeiros polinésios que colonizaram a Nova Zelândia por volta do século XI; os Morioris são descendentes de maoris que migraram para as Chatham um pouco depois. Os dois grupos seguiram caminhos diferentes e, eventualmente, a ausência de contato entre ambos os fizeram esquecer a existência de um e de outro. Os Maoris, da ilha norte da Nova Zelândia, intensificaram o cultivo da terra, desenvolveram uma organização política mais complexa e habilidades militares, pois o excedente de alimentos provocava um aumento populacional e disputas territoriais[129]. E qual foi o papel da geografia? Os Morioris podiam até ser descendentes de fazendeiros, mas o ambiente das ilhas Chatham os forçou a retornar ao modo de vida caçador-coletor, o que por si só não é "pior", mas provocou uma desvantagem frente à vontade Maori de subjugá-los.

O clima mais frio das Ilhas Chatham dificultou o desenvolvimento das culturas levadas por eles, pois eram adaptadas ao clima tropical das ilhas polinésias, inviabilizando a continuidade do modo de vida baseado na agricultura, forçando os Morioris a voltar à vida da caça e da coleta e, assim, perpetuar um estilo de vida mais "rudimentar", no sentido de "menos tecnológico". Sem excedentes de alimentos, não é possível sustentar e alimentar quem não se dedica à caça e à coleta, como artesãos que produzem armas sofisticadas; nem exércitos, burocratas e chefes. "Suas presas eram focas, mariscos, aves marinhas e peixes que conseguiam capturar com as mão ou porretes" (DIAMOND, 2020, p. 56). As Chatham são ilhas pequenas e remotas, podendo manter uma população de 2.000 indivíduos. Sem mais terras para colonizar, tiveram de aprender a conviver da forma mais pacífica possível: renunciando à guerra e castrando indivíduos do sexo masculino recém-nascidos, a fim de evitar os conflitos de uma superpopulação. "O resultado disso foi uma população pequena e pacífica, com armas e tecnologia simples, e sem uma liderança forte ou um sentido de organização"[130].

---

[129] DIAMOND, 2020, p. 54..
[130] DIAMOND, 2020, p. 56.

Em contrapartida, o norte da Nova Zelândia, de clima subtropical, se adequava melhor à agricultura do que o clima subantártico das Chatham, e os Maoris chegaram a constituir uma população de mais de 100.000 pessoas, gerando "grandes densidades populacionais cronicamente envolvida em ferozes batalhas com seus vizinhos" (p. 56). Os excedentes de alimentos sustentavam artesãos, chefes e soldados concentrados em elaborar ferramentas para a agricultura, artes e guerra.

No caso dos Incas, entre os fatores que permitiram a conquista do novo mundo pelo velho mundo estão a "tecnologia militar baseada em armas de aço e cavalos; doenças infecciosas endêmicas na Eurásia; tecnologia marítima europeia; organização política centralizada dos Estados europeus; e a escrita" (p. 80). Todos esses fatores estão sintetizados no título da obra [armas, germes e aço].

> Mas continuamos com a pergunta fundamental: por que todas essas vantagens estavam na Europa e não no Novo Mundo? Por que não foram os incas que inventaram as armas e as espadas de aço, que montaram animais tão temíveis quanto os cavalos, que espalharam doenças para as quais os europeus não tinham resistência, que desenvolveram navios capazes de cruzar oceanos e organizações políticas avançadas, e que tiveram condições de se basear na experiência de milhares de anos de história escrita? Essa não é mais uma discussão sobre causas imediatas [...] mas de causas fundamentais, [...].[131]

Pois, então, vamos aos fatores que tornam a produção de alimentos um pré-requisito de armas, germes e aço. Em primeiro lugar, e de forma mais direta, mais calorias disponíveis para serem consumidas significa mais gente. A maioria das plantas silvestres ou animais selvagens não são comestíveis ou valem a pena ser caçados. Num hectare a maior parte da biomassa é inútil para nós. Entretanto, "ao selecionar e cultivar poucas espécies de plantas e animais que podemos comer, de modo que eles constituam 90% e não 1% de biomassa em um hectare de terra, obtemos um volume muito maior de calorias" (p. 86). Os animais domesticados forneciam mais calorias de quatro modos distintos. Primeiro, fornecendo carne, substituindo a proteína das caças. Segundo, fornecendo leite e derivados como manteiga, queijo e iogurte; desta forma, animais como a vaca, ovelha, cabra, cavalo, rena, búfalo, iaque e o camelo forneciam muito mais calorias ao longo de suas vidas do que sendo mortos e consumidos apenas como carne. Além disso, ajudavam a aumentar a produtividade das colheitas ao fornecer fertilizantes através de seu esterco, e ajudando a arar os solos mais

131

duros.

Em segundo lugar, uma sociedade sedentária permite um intervalo menor de nascimento entre os filhos. Uma mãe caçadora-coletora, que se muda constantemente atrás de alimentos, pode carregar apenas uma criança por vez, ou seja, não pode ter outro filho antes que o primeiro possa caminhar rapidamente para acompanhar a tribo. Portanto, em geral, as mães de tribos caçadoras-coletoras têm filhos a cada quatro anos, enquanto as mães de sociedades sedentárias têm filhos a cada dois anos, pois não precisam carregá-los, além das calorias extras produzidas que podem alimentar mais bocas, possibilitando um crescimento populacional muito mais rápido.

Em terceiro lugar, a produção de alimentos e o modo de vida sedentário possibilitam a existência de estoques dos excedentes de alimentos. Inclusive, em sociedades nômades, pode haver uma certa propensão à prodigalidade com os alimentos capturados, isto é, consumindo-os todos de uma vez — numa certa cultura de não preocupação com o amanhã[132]. O que faz muito sentido tendo em vista que a caça, de um dia para o outro, pode estragar facilmente. Em geral, os caçadores-coletores desenvolvem sociedades relativamente igualitárias, além de pouquíssima organização política, pois aqueles em condição de caçar, dedicam maior parte do seu tempo de trabalho procurando alimentos.

Entretanto, os estoques de alimentos são fundamentais para alimentar especialistas que não se dedicam à obtenção de alimentos. Dois exemplos de especialistas são os *reis* e os *burocratas*. Entre aqueles que estocam alimentos, "uma elite política pode obter o controle da comida produzida por outros, criar taxas, livrar-se da obrigação de conseguir sua própria alimentação e dedicar-se em tempo integral às atividades políticas" (p. 88). Sociedades de médio-porte são lideradas por chefes e as de grande porte por reis, e têm muito mais condições de empenhar uma guerra de conquista sobre bandos nômades. Outros quatro especialistas fundamentais numa guerra de conquista são: os *soldados* profissionais, dedicados exclusivamente às atividades militares tanto de guerra como de proteção da produção de alimentos; os *sacerdotes*, que fornecem as justificativas religiosas paras as batalhas; os *artesãos*, especialistas em metais, produzem espadas, armas e outras tecnologias; e os *escribas*, que podem preservar as informações de forma mais eficaz do que a transmissão oral.

---

[132] SAHLINS, 1978, p. 35.

Entre outras utilidades da domesticação de animais e plantas, está a de nos manter aquecidos, fornecer roupas, cobertas, redes e cordas, através do algodão, linho e cânhamo. Animais domésticos como carneiros, bodes, lhamas e alpacas produzem lã; além do bicho-da-seda que produz a seda. Os ossos dos animais eram importantes matérias-primas dos utensílios neolíticos antes do surgimento da metalurgia. Além da produção do couro a partir da pele do gado.

Outra grande revolução causada pela domesticação dos grandes animais foi a de terem se transformado no principal meio de transporte terrestre até o século XIX, quando surgem as ferrovias.

> Antes da domesticação dos animais, o único meio de transporte de bens e pessoas por terra era nas costas dos humanos. Os grandes mamíferos mudaram isso: pela primeira vez na história humana, tornou-se possível transportar coisas pesadas em grandes quantidades, assim como pessoas, com rapidez e por longas distâncias. Os animais usados como montaria eram os cavalos, os burros, os iaques, as renas, e os camelos. Além desses animais, a lhama também era utilizada para carregar fardos. Vacas e cavalos eram atrelados a carroças, enquanto renas e cachorros puxavam trenós no Ártico. O cavalo tornou-se o principal meio de transporte de longa distância na maior parte da Eurásia. Os camelos desempenharam um papel semelhante no norte da África, na Arábia, na Ásia Central, enquanto as lhamas eram utilizadas nos Andes.[133]

Particularmente, a domesticação do cavalo na Eurásia teve um papel militar fundamental e foi essencial na marcha para o oeste dos povos indo-europeus a partir da Ucrânia. Com a invenção das selas e estribos, hunos e mongóis tornaram os cavalos em ferramentas militares ainda mais poderosas, criando grandes impérios. Os cavalos também representaram uma vantagem militar dos espanhóis sobre os Incas.

Outra vantagem adquirida a partir dos animais e plantas domesticadas foram os germes. Mais calorias permitiram um crescimento populacional e, consequentemente, uma maior densidade populacional. Mas o convívio mais próximo entre humanos e animais estimulou o desenvolvimento de diversas doenças infecciosas como a varíola, sarampo e gripe. Muitas epidemias atingiram a Europa e milhares de pessoas morreram por conta disso. Entretanto, essas epidemias serviram como uma espécie de seleção natural, e deixaram descendentes apenas aqueles humanos que apresentavam resistência às doenças. Assim, os germes adquiridos pelos europeus tiveram um papel fundamental na conquista de povos

[133] DIAMOND, 2020, p. 89.

nativos das Américas, da África, da Austrália e das ilhas polinésias.

Agora que entendemos a origem do desenvolvimento tecnológico a partir do desenvolvimento das sociedades agrícolas, vamos entender onde, quando e como as sociedades agrícolas surgiram e para onde expandiram.

Existem cinco regiões em relação às quais há informações suficientemente detalhadas de fósseis, que nos permitem saber com certeza que ali houve um desenvolvimento agrícola de forma independente. Ou seja, que teria surgido precisamente "ali", sem que a técnica tivesse sido levada de algum outro lugar para lá. São elas: Crescente Fértil, China, Mesoamérica, Andes e Amazônia e o Leste dos Estados Unidos.

De todas essas áreas, o Crescente Fértil, onde hoje é Israel/Palestina e Síria (também conhecida como mesopotâmia, pois se encontra entre dois importantes rios — Tigres e Eufrates), "tem as datas precisas mais antigas, tanto para a domesticação de plantas (por volta de 8.500 a.C.), quanto de animais (por volta de 8.000 a.C.); e também tem, de longe, o maior número de datas obtidas por radiocarbono relativas ao início da produção de alimentos" (DIAMOND, 2020, p. 97). O centro independente chinês parece ter surgido por volta de 1000 anos depois do centro do sudoeste asiático. E o centro independente mesoamericano apenas por volta de 2.000 a.C.

Ao que os estudos indicam, dos cinco centros independentes, esses três foram os mais irradiantes, ou seja, influenciaram áreas próximas a adotarem a cultura agrícola. O centro sudoeste asiático é o que apresenta a maior expansão, tendo influenciado todo o Oriente Médio, toda a Europa Ocidental e Oriental, toda a África, Ásia Central, a Península Indiana e parte da Ásia setentrional. Já o centro chinês e o centro mesoamericano ficam bastante atrás do nível de projeção obtida pelo centro do sudoeste da Ásia.

Comumente pode-se fazer a seguinte pergunta (da ordem "ovo ou galinha"): O crescimento populacional foi impulsionado pela produção de alimentos, ou a produção de alimentos foi impulsionada devido a um crescimento populacional? Diamond (2020, p. 110) explica que "a adoção da produção de alimentos exemplifica o que é chamado de processo autocatalítico — o que cataliza a si próprio em um ciclo positivo de retorno, que anda cada vez mais depressa depois que começa".

Equivocadamente, podemos nos perguntar por que os caçadores-coletores mudaram

para o estilo de vida sedentário, quais eram as vantagens deste novo modo de vida? Entretanto, apesar da aparente dicotomização entre os dois estilos de vida, o mais provável é que a transição tenha ocorrido de modo extremamente gradual, ao longo de séculos, em períodos onde uma mesma sociedade adotava os dois modos de vida ao mesmo tempo. Também é mais provável que o modo de vida sedentário tenha sido adotado a partir de tomadas de decisões acumuladas e inconscientes, ou seja, sem saber o resultado que um conjunto de ações traria. "Portanto, a pergunta que devemos fazer é por que a produção de alimentos se desenvolveu, por que isso ocorreu em alguns lugares e não em outros, e por que não em uma data anterior ou posterior" (p. 105). E para esta questão alguns fatores geográficos podem ser apresentados como resposta. Pois, se basicamente estamos falando de agricultura e pecuária como importantes pré-requisitos para o surgimento das civilizações, Estados, tecnologia e doenças, não haverá dúvida quanto à capacidade de interferência da geografia neste quesito.

A primeira e grande vantagem geográfica para o surgimento da produção de alimentos, é a disponibilidade de plantas silvestres e animais selvagens que fossem bons candidatos à domesticação; ou seja, as vantagens oferecidas pela flora e pela fauna local, fornecendo estímulos ao seu cultivo. A segunda é o tipo de clima, ou seja, a variação de temperatura e regime de chuvas, que "seleciona" as variantes mais adaptadas ao cultivo. A terceira é o tipo de relevo, ou seja, a variação altimétrica entre planaltos, planícies, montanhas e depressões; a disponibilidade e organização dos recursos hídricos, sejam eles de água doce ou salgada. Vamos então analisar essas vantagens à luz das características das três principais regiões do desenvolvimento da produção de alimentos.

O Crescente Fértil é a mais relevante para entendermos por que foi a Europa a colonizadora e a América a colonizada.

> Essa área parece ter sido o primeiro local de toda uma cadeia de acontecimentos, incluindo cidades, a escrita, impérios e o que agora chamamos (para o bem ou para o mal) de civilização. Todos esses acontecimentos, por sua vez, tiveram origem nas densas populações humanas, nos excedentes de comida armazenados e na possibilidade de alimentar especialistas que não fossem agricultores, o que ocorreu graças ao aumento da produção de alimentos, na forma de agricultura ou criação de animais. A produção de alimentos foi a primeira dessas grandes inovações a surgir no Crescente Fértil. Por isso, qualquer tentativa de entender as origens do mundo moderno deve vir com uma pergunta: por que as plantas e o animais domesticados no Crescente Fértil lhe proporcionaram um início tão

poderoso?[134]

A primeira vantagem do Crescente Fértil é estar localizado numa área de clima mediterrâneo, caracterizado por invernos amenos e úmidos e por verões longos, quentes e secos, o que favorece a seleção de espécies de plantas anuais capazes de sobreviver a longos períodos de seca e crescer rapidamente com a volta das chuvas. Este tipo de planta compõe seis das 12 principais culturas do mundo moderno.

Até agora falei bastante sobre domesticação de plantas e animais, mas não expliquei o que isto significa. Domesticar significa adaptar uma espécie silvestre às necessidades humanas. No caso das plantas, domesticá-las, na maioria das vezes, significa realizar uma seleção artificial e provocar uma mudança genética na espécie, em que sobrevivem os indivíduos mais aptos ao consumo humano. Em geral, as plantas silvestres apresentam desvantagens ao seu consumo, seja pelo tamanho reduzido ou pelo gosto ruim, mas em toda população, eventualmente, há indivíduos mutantes que são maiores e mais saborosos. Além desses fatores óbvios, há aqueles não tão visíveis, como a dispersão das sementes ou plantas que se autofertilizam: é mais fácil colher as ervilhas de uma vagem que não explodem do que as ervilhas de vagem que explodem, assim como as plantas que se autofertilizam mantêm um gene mutante específico considerado bom.

Tudo isso nos leva à segunda e terceira vantagens geográficas do Crescente Fértil, especificamente relacionadas com a sua flora silvestre. A segunda: muitos dos seus ancestrais silvestres da flora já eram abundantes e muito produtivos, sendo necessárias poucas modificações relacionadas ao tamanho ou à quantidade de grãos comestíveis gerados por uma planta para sua domesticação, sendo o trigo e a cevada dois grandes exemplos. E a terceira: "alto percentual de hemafroditas 'autônomas' — isto é, plantas que normalmente polinizam a si mesmas, mas que podem ser ocasionalmente polinizadas por cruzamento" (p. 137-138). Uma planta hermafrodita autônoma pode perpetuar um gene mutante favorável ao cultivo, pois não necessita dos gametas e dos genes de outro indivíduo, driblando a variabilidade genética.

O outro conjunto de vantagens do Crescente Fértil está relacionado ao seu clima mediterrâneo. Existem ao menos cinco regiões de clima mediterrâneo no mundo, e em todas

[134] DIAMOND, 2020, p. 135.

elas há uma proximidade com um deserto e uma grande massa de água, formando invernos amenos e úmidos e por verões longos, quentes e secos. São elas: o sul da Europa e o Crescente Fértil, afetados pela massa de ar do Saara e do próprio Mar Mediterrâneo; a Costa Oeste dos EUA, afetada pelo Deserto do México e pelo Pacífico; a área central do Chile, afetada pelo Atacama e pelo Pacífico; o sudoeste da África do Sul, afetado pelo Kalahari e pelo Atlântico; e o sudoeste da Austrália, afetado pelo Grande Deserto Australiano e pelo Índico. Portanto, quais eram as vantagens do mediterrâneo da Eurásia frente aos outros "mediterrâneos"? Diamond (2020, p. 139) lista ao menos cinco vantagens:

(1ª) É a maior área de clima mediterrâneo, tendo como consequência uma maior diversidade de plantas e animais.

(2ª) A grande variação climática anual favorece a evolução de um elevado percentual de plantas anuais.

Portanto, os dois fatores combinados geraram a zona com a maior diversidade de culturas anuais. Blumler (1992 *apud* DIAMOND) fez um estudo envolvendo espécies de capim selvagem, encontrando 56 delas com sementes pelo menos dez vezes mais pesadas do que a média, sendo quase todas nativas de regiões mediterrâneas ou sazonalmente secas. O fato relevante é que das 56, incríveis 32 (57%) espécies são nativas do mediterrâneo do Crescente Fértil, revelando a riqueza de sua flora. A cevada e o trigo, as duas principais culturas, situam-se, respectivamente, em terceiro e décimo-terceiro lugar em tamanho de semente.

(3ª) A variedade topográfica dentro de uma distância pequena, contendo por exemplo, a maior depressão absoluta do mundo (Mar Morto) e as grandes montanhas de 5.500 m próximas de Teerã, resultando numa variedade de ambientes e uma maior biodiversidade.

> A variação de altitudes no Crescente Fértil resultava em oscilações nos períodos de colheita: as plantas dos locais mais elevados produziam as sementes um pouco depois das dos lugares mais baixos. Em consequência disso, os caçadores-coletores podiam se deslocar para as encostas para colher as sementes de grãos quando amadureciam, em vez de ficarem sobrecarregados pela concentração de colheitas em uma única altitude, onde todos os grãos amadureciam simultaneamente. Quando começaram a cultivar, era fácil para os agricultores: levavam as sementes de cereais silvestres que cresciam nas encostas, e que dependiam de chuvas imprevisíveis, e as plantavam nas partes baixas dos vales, onde cresceriam sem problemas e com menor dependência das chuvas.[135]

[135] DIAMOND, 2020, p. 141.

(4ª) A riqueza em ancestrais de grandes mamíferos domesticados. No Crescente Fértil, quatro das cinco espécies de mamíferos mais importantes foram domesticadas muito cedo: as cabras, as ovelhas, os porcos e as vacas, sendo os cavalos domesticados na Ucrânia e sul da Rússia. Há ainda outros dez grandes mamíferos — compondo um total de 15, junto aos cinco anteriores — que foram todos, com exceção de um, domesticados na Eurásia. São eles: o camelo árabe (com uma corcunda), o camelo bactriano (com duas corcundas), a lhama e alpaca (descendentes do guanaco), o burro, a rena, o búfalo, o iaque, o gado de bali e o mithan[136]. Apenas o ancestral da lhama e da alpaca se encontra fora da Eurásia. Obviamente, nem todas as 13 existiam juntas na Eurásia, mas 7 delas se encontravam no sudoeste asiático, sendo que as outras estavam ainda relativamente próximas. Portanto, os animais que foram tão importantes para a produção de mais calorias — seja pelos seus derivados, arando e adubando a terra ou consumidos diretamente —, para o surgimento dos germes e como armas militares nas guerras de conquista, estavam incrivelmente concentrados na Eurásia, especialmente no sudoeste asiático.

Sobre a domesticação dos animais, Diamond conclui da seguinte forma:

> Os povos eurasianos herdaram uma quantidade muito maior de espécies domesticáveis de grandes mamíferos herbívoros selvagens do que os povos dos outros continentes. Esse resultado, com todas as suas vantagens importantes para as sociedades eurasianas, foi determinado por três fatos básicos da geografia, da história e da biologia dos mamíferos. Primeiro, a Eurásia, por causa de sua grande extensão e sua diversidade ecológica, começou com mais candidatos. Segundo, a Austrália e as Américas, não a Eurásia ou a África, perderam a maioria de seus candidatos em uma grande onda de extinções do fim do Pleistoceno — possivelmente porque os mamíferos dos primeiros continentes tiveram o azar de serem expostos primeiro aos humanos, repentina e tardiamente em nossa história evolutiva, quando nossas habilidades de caça já estavam bastante desenvolvidas. Finalmente, uma porcentagem maior dos candidatos sobreviventes mostrou que era mais apropriada à domesticação na Eurásia do que nos outros continentes. Um exame dos candidatos que nunca foram domesticados, como os grandes mamíferos que vivem em rebanhos na África, revela razões particulares que desqualificaram cada um deles.[137]

(5ª) A última vantagem é que no Crescente Fértil a produção de comida pode ter

---

[136] Um detalhe importante é: dos 15, apenas o porco é onívoro, ou seja, come planta e carne. Todos os outros são herbívoros, ou seja, comem apenas plantas. Este fato casa perfeitamente com a alta concentração das melhores pastagens no mediterrâneo do sudoeste asiático.
[137] DIAMOND, 2020, p. 175.

enfrentado menos competição com o estilo caçador-coletor, justamente por ser um ambiente mais favorável para a produção do que para a coleta e caça de alimentos.

Agora que entendemos os fatores geográficos que permitiram o surgimento da produção de alimento primeiro no Crescente Fértil — principalmente relacionados com o seu clima mediterrâneo, com a sua flora e fauna específica — vamos entender quais fatores geográficos impulsionaram e facilitaram sua expansão para áreas adjacentes.

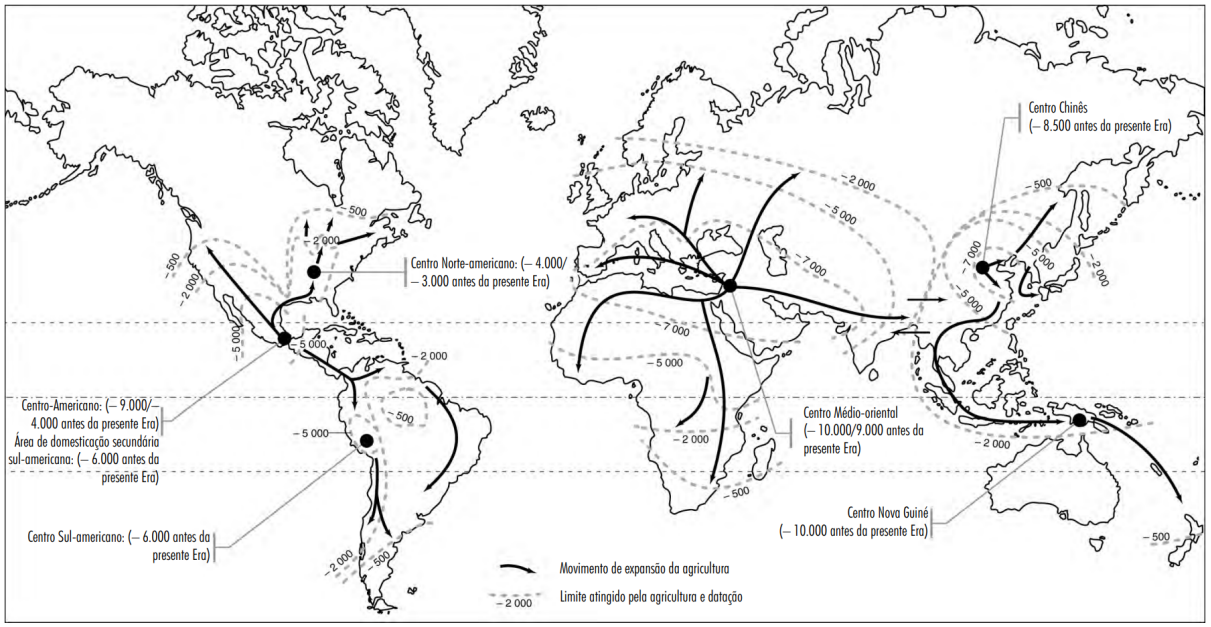

Figura 1 – Centros de origem e áreas de extensão da revolução agrícola neolítica
Fonte: Mazoyer e Roudart (2010, p. 98).

Como é possível observar no mapa de Mazoyer e Roudart (2010), a expansão da produção de alimentos do centro Crescente Fértil foi muito mais ampla e rápida do que a expansão a partir dos centros chineses e americanos. Segundo Diamond (2020), a expansão do Crescente Fértil tanto para oeste, para Europa e Egito, quanto para leste, para o Vale do Indo, ocorreu numa taxa média de 1,13 quilômetro por ano; enquanto do México ao leste dos EUA foi de 0,8 quilômetro por ano, e do México ao oeste dos EUA foi de 0,48 quilômetro por ano; do Peru ao Equador foi de 0,32 quilômetro ao ano.

Para Diamond (2020), a principal diferença entre Eurásia e América são seus eixos de extensão. A Eurásia possui uma extensão predominantemente longitudinal, ou seja, de leste-oeste, enquanto a América possui uma extensão predominantemente latitudinal, ou seja, norte-sul. Assim a Eurásia apresenta maiores extensões de terras contínuas nas mesmas zonas climáticas; ou seja, mais áreas com os mesmos tipos climáticos. As localidades nas mesmas

latitudes têm a mesma duração da variação entre dia e noite e as mesmas variações sazonais; tendem a compartilhar doenças similares, regimes de chuva e temperatura, habitats e biomas. Assim, a difusão das plantas ocorre mais facilmente longitudinalmente devido à semelhança de ambientes. O mesmo clima também favorece a difusão da criação de animais. Ao comparar a Eurásia à África e à América podemos perceber, além dos eixos de extensão, outras barreiras geográficas: na América, o deserto do México ao norte, a estreita faixa de terra do istmo do Panamá e sua floresta tropical ao centro, e os Andes e a Floresta Amazônica ao sul; na África, o deserto do Saara ao norte, a Floresta do Congo no centro-oeste, o Sahel é agricultável mas se estende como uma estreita faixa entre a floresta e o deserto, o Rift Valley, que corta o continente latitudinalmente no lado oriental, e os desertos do Kalahari e Namíbia ao sul.

A Europa apresenta um relevo enrugado ao sul e acidentado à sudeste, mas que, quando vencido, apresenta a Grande Planície Europeia ao norte, disposta de leste à oeste, indo desde os Urais e norte do Mar Cáspio, passando pelo norte da Alemanha até o oeste da França, fornecendo um amplo espaço para a expansão da produção de alimentos mesopotâmica.

Portanto, pelo menos a possibilidade da agricultura ter se expandido para Europa se deu por fatores geográficos. Obviamente, essa expansão também não foi impedida por questões culturais. E como vimos anteriormente, o surgimento da agricultura está estreitamente ligado ao crescimento da população humana aonde chegou, que por sua vez desencadeou uma série de mudanças no modo de vida do *homo sapiens*. Primeiro, a evolução dos germes, a partir da convivência com os animais, responsáveis por disseminar as doenças entre os adensamentos populacionais[138]. Segundo, a evolução da escrita, que surge inicialmente apenas com a função de administrar e gerir burocraticamente os bens de uma sociedade estratificada, criada a partir do crescimento das sociedades, sendo praticada apenas por especialistas — os escribas —, cujo alimento era produzido por camponeses e não por eles mesmos. A escrita tornou-se fundamental para conservar e acumular os conhecimentos técnicos-científicos, estimulando o desenvolvimento de mais tecnologias. Terceiro, a evolução da tecnologia é impulsionada pelo crescimento populacional. Os inventores compõem apenas

[138] Um fator que contribuiu para a disseminação das doenças foi a ausência de um sistema de saneamento dentro dos assentamentos. As sociedades nômades deixavam seus dejetos para trás assim que se mudavam para outra região em busca de alimentos, mas as sociedades sedentárias conviviam em meio a sua própria sujeira e no meio da sujeira dos animais que criavam.

uma pequena porção da sociedade, porém, quanto mais indivíduos há numa sociedade, mais inventores potenciais existem proporcionalmente, estando o crescimento populacional diretamente associado à capacidade inventiva de uma sociedade. Portanto, a Eurásia, que largou primeiro na corrida da produção de alimentos, certamente tinha mais inventores potenciais apenas por serem mais numerosos. E, por último, a evolução dos governos e das religiões. Como apontado por Nozick (1991), os Estados surgem espontaneamente a partir do crescimento populacional e do consequente crescimento dos conflitos, daí que a função inicial do Estado é garantir os direitos individuais e sociais através de resoluções pacíficas e não violentas. Entretanto, segundo Diamond (2020), apesar da impossibilidade de sociedades grandes não poderem funcionar descentralizadas, eventualmente os Estados se comportam como uma cleptocracia, ou seja, "a centralização do poder inevitavelmente abre a porta – para aqueles que detêm o poder, estão a par das informações, tomam decisões e redistribuem os bens – à exploração das oportunidades resultantes em benefício próprio e de seus parentes",[139] transformando a si e seus descendentes numa *linhagem real*.

Agora que terminamos o percurso sobre a obra de Diamond acerca da possibilidade da geografia de ter tido um papel de grande relevância no rumo da história, vamos realizar algumas breves ponderações minhas e considerar eventuais críticas de outros intelectuais que surgiram no decorrer dos últimos 25 anos desde sua publicação.

A primeira ponderação é: *Explicar não significa justificar.* Explicar os motivos da América ter sido colonizada, não significa justificar a colonização. Sobretudo, também não significa dizer que "deveria ter sido assim", pois é justamente o que venho defendendo desde o início desta pesquisa. As explicações de ordem geográfica não devem ser interpretadas como fatalistas [assim como nenhuma outra ordem de explicação é]. O único objetivo é entender por que ocorreu da maneira A e não da B. Não significa dizer que por tais motivos geográficos a escravidão e a colonização das Américas, África e Ásia são justificadas ou que inevitavelmente elas aconteceram por conta da explicação geográfica. O objetivo é entender por que a Europa, e não qualquer outro continente, detinha o conjunto de condições — materiais e culturais — necessárias para a colonização dos outros continentes.

A segunda ponderação é: *Não, a geografia não responde tudo.* Um exemplo é a expansão da agricultura. O simples fato de existirem ambientes favoráveis à expansão da agricultura não fez com que ela fosse adotada. Muitas vezes, a adoção ou a rejeição dependeu

[139] DIAMOND, 2020, p. 288.

de uma receptividade cultural daquelas sociedades onde chegava a novidade da produção de alimentos.

A terceira ponderação é: *Alguns termos como "desenvolvimento tecnológico", "organização política centralizada", "crescimento populacional", "civilização", etc., não devem ser necessariamente entendidos como mudanças positivas ou negativas*. O objetivo não é realizar um juízo de valor acerca das qualidades e defeitos das instituições modernas, mas é fato que tais fenômenos tiveram papéis decisivos na história humana. Nesse sentido, o objetivo é entender possíveis causas e fatores que contribuíram para a existência destes fenômenos, sendo a geografia um deles.

E aqui cabe mencionar a obra *O Despertar de Tudo*, de David Graeber e David Wengrow (2020), que investiga e questiona essa "linearidade" da história [bandos → tribos → feudos → impérios → Estados], onde raramente encontramos uma alternativa para tal "simplificação grosseira". Ao longo da obra, J. Diamond é citado algumas vezes. Logo no início, Diamond é citado como um dos autores que pensam na história humana dividida em duas fases: na primeira, antes da agricultura, os humanos viviam em bandon pequenos, igualitários e não organizados politicamente; na segunda, após a agricultura, os humanos vivem em sociedades populosas, socialmente estratificada e como uma organização política centralizada. E na segunda fase, após o crescimento populacional, sendo impossível a não existência de alguma forma institucional de Estado. A crítica de Graeber e Wengrow (2020) se fixa na ausência de evidências para tais afirmações, da ordem Hobbes-Rousseau, sobre o tipo *necessário* de organização social simplesmente pelo tamanho da população:

> [...] simplesmente não existe razão para crer que grupos pequenos tenham alguma probabilidade mais destacada de serem igualitários — ou, por outro lado, que grupos grandes precisem necessariamente de reis, de presidentes ou sequer de burocratas. Afirmações desse tipo não passam de preconceitos fantasiados de fatos ou mesmo de leis da história.[140]

De minha parte, faço duas considerações sobre as críticas à Diamond (2020): primeiro, de fato, ainda não conseguimos saber se realmente o Estado ou qualquer instituição supra-coletiva seja inevitavelmente indispensável para qualquer sociedade numerosa ou que bandos menores sejam naturalmente igualitários. Mas podemos nos perguntar, se o Estado não é indispensável, por que não existe nenhuma grande sociedade anárquica? Também podemos

[140] GRAEBER; WENGROW, 2022, [s.p.].

considerar a espontaneidade do Estado nozickiana, em que basta que um grupo forme um Estado para que outros grupos sejam impulsionados a criarem o seu próprio para se defenderem de um outro Estado predatório e assim por diante. Segundo, podemos supor que as sociedades nômades sejam mais igualitárias simplesmente por não terem muito para acumular, pois tudo que se possui pode ser facilmente obtido na natureza, e possuir coisas não é especialmente estratégico quando se necessita mudar constantemente.

Já o segundo momento em que Diamond é citado diz respeito aos mencionados eixos de extensão dos continentes. Graeber e Wengrow (2022) concordam que a disposição longitudinal do continente Eurasiático implica numa extensa área ecologicamente contínua, o que favoreceu a expansão mais acelerada da agricultura e indaga: "Em que medida essas observações nos ajudam a entender a história humana em maior escala? Até onde a geografia explica a história, em vez de simplesmente influenciá-la?".[141] E sobre a colonização das Américas afirmam:

> A investida ecológica contra os hábitats nativos também incluía doenças infecciosas, como a varíola e o sarampo, originárias de ambientes do Velho Mundo, onde conviviam seres humanos e rebanhos. Enquanto as plantas europeias prosperavam com a ausência de pragas, as doenças transmitidas por animais domesticados (ou por humanos acostumados a conviver com eles) assolaram as populações indígenas, com taxas de mortalidade de até 95%, mesmo nos locais em que os colonos não escravizaram nem massacraram os nativos — o que, claro, era muito comum. Desse ponto de vista, o êxito do imperialismo europeu moderno devia mais à "revolução neolítica no Velho Mundo" — com suas raízes no Crescente Fértil — do que às realizações específicas de Colombo, Magalhães, Cook e companhia.[142]

Portanto, os autores discordam do surgimento dos Estados a partir da revolução agrícola como algo sequencialmente necessário. Entretanto, eles concordam que a colonização europeia tem origem na geografia do Crescente Fértil e da Eurásia. Para os objetivos desta pesquisa, a última parte é a relevante de fato.

E uma pequena *review* sobre a obra de Diamond (2020) que vale comentar aqui é a de Sluyter (2003). Sua importância reside no exemplo de como uma explicação baseada em fatores geográficos, ou que tenha fatores geográficos como protagonistas na história, pode ser atacada e simplesmente ser chamada de "*Neo-Environmental Determinism*" e, portanto, descredibilizada:

---

[141] *Ibidem.*
[142] *Ibidem.*

> Em Guns, Germs, and Steel (1997; doravante GGS), Jared Diamond afirma grandiosamente que a atual diferenciação do mundo em regiões ricas e pobres tem uma explicação simples que todos, menos ele ignoraram: as diferenças no ambiente determinaram os diferentes "destinos das sociedades humanas" [...]. Tal renascimento da teoria determinista ambiental de que as horrendas condições de vida de milhões de pessoas são seu destino natural normalmente não mereceria discussão acadêmica, mas desde que a GGS ganhou um Prêmio Pulitzer, muitas pessoas começaram a acreditar que Diamond realmente oferece uma explicação crível de um fenômeno extremamente deletério. A GGS, portanto, tem um potencial tão grande para promover políticas prejudiciais que exige um vigoroso controle de danos intelectuais. Como contribuição a esse esforço, este ensaio não apenas demonstra que GGS é ciência lixo, mas propõe um modelo do processo pelo qual tantas pessoas, incluindo cientistas que deveriam saber melhor, passaram a pensar tanto em um livro tão pernicioso e, mais geralmente, do neo-determinismo ambiental [tradução nossa].[143]

Em literalmente *nenhum* momento Diamond chega a afirmar que condições horrendas de milhares de pessoas são seu destino natural. Aqui o crítico recai na armadilha intelectual que o próprio Diamond previu: confundir *explicação* e *justificativa/aceitação*.

> [...] se conseguimos explicar como um povo pode dominar outro, isso não parece uma justificativa para a dominação? Não daria a impressão de que o desfecho era inevitável e que, portanto, seria inútil tentar mudar o resultado? Esta objeção baseia-se na tendência comum de confundir uma explicação das causas com a justificativa ou aceitação dos resultados. O uso que alguém faz de uma explicação histórica é diferente da explicação em si. A compreensão é mais frequentemente usada para tentar alterar o resultado do que para repeti-lo ou perpetuá-lo. É por isso que os psicólogos tentam entender as mentes de assassinos e estupradores, historiadores sociais tentam entender os genocídios e médicos tentam entender as causas das doenças humanas. Eles não pretendem justificar o assassinato, o estupro, o genocídio ou a doença. Ao contrário, tentam usar a compreensão de uma cadeia de causas para interrompê-la (DIAMOND. 2020, p. 25).

Resenhas críticas em português são escassas, mas as em língua inglesa são abundantes e, de forma geral, a maioria delas faz considerações sobre a habilidade de Diamond de desvincular o determinismo ambiental da ideia de influência ambiental.

---

[143] SLUYTER, 2003, p. 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando todos os capítulos como uma unidade, podemos entender o resgate da ideia das influências ambientais através de uma tríade de argumentos. O primeiro argumento evidencia os motivos do equívoco em se utilizar *determinismo* como sinônimo de *influência*. Este abre mais espaço para a inventividade humana e para os outros fatores diversos, enquanto aquele priva o homem de um livre-arbítrio. Portanto, a geografia é *um dos fatores* a serem considerados, mas que muitas vezes é deixado de lado justamente pela dificuldade em percebê-lo.

O primeiro argumento evidencia os motivos do equívoco em se utilizar *determinismo* como sinônimo de *influência.* Enquanto o termo influência abre mais espaço para inventividade humana e para os outros fatores diversos, o "determinismo" priva o homem de um livre-arbítrio, isto é, acreditar num fatalismo, que quando colocado ao lado de "geográfico", baseia-se numa a predição pela geografia. E os estudos das influências ambientais não devem ser vistos desta forma, como fator-único, mas um dos fatores que contribui para a explicação, assim como todas as ordens de explicação, pois um angulo de explicação dificilmente será suficiente.

Apesar do significado e do uso do "determinismo" ter mudado ao longo dos séculos, sua ideia básica é o mecanicismo, ou seja, calcular com exatidão, ao modelo de Laplace, os eventos futuros. Mas qualquer observador pode notar que espaços com as mesmas características podem criar povos diferentes, e espaços diferentes podem criar povos semelhantes, fazendo cair facilmente qualquer teoria de um suposto "determinismo geográfico".

O segundo argumento evidencia o caráter ideológico e corporativista contido na origem da falsa dicotomia *determinismo-possibilismo* dentro da Geografia. Este corporativismo territorialista dentro das ditas "ciências sociais", na busca pela aquisição de mais campos de estudos, almejou desqualificar Ratzel, enquanto cientista-geógrafo, e a Geografia, enquanto ciência, acusando-os de incapazes de investigar o desenvolvimento humano-social no passado ou no presente. Infelizmente, esta acusação acabou se tornando um dogma dentro da Geografia, restringindo seu leque de instrumentos e de possíveis investigações. Sabendo da origem desta falsa dicotomia, os geógrafos podem se sentir mais

confortáveis para investigar as influências geográficas e, inclusive, examinar a obra de Ratzel sob um novo olhar crítico, sem o fantasma do determinismo.

O último argumento evidencia, através de um "estudo de caso", como a geografia pode ter influenciado o curso da história numa macroescala, através de um aspecto tão óbvio, mas subestimado: a localização. A ideia não é dar a entender que os povos das Américas estavam destinados pela geografia a serem colonizados pelos europeus, mas sua geografia forneceu obstáculos ao seu desenvolvimento. Numa primeira medida, as Américas são o local mais distante, por terra [quando o Estreito de Bering ainda formava uma ponte sólida entre Sibéria e Alasca], do local de surgimento da espécie humana, a África Oriental. Quando os mesopotâmicos começaram a desenvolver a agricultura, os Clóvis haviam chegado há pouquíssimo tempo. Mesmo assim, quando os europeus chegaram aqui, Incas, Maias e Astecas já se configuravam como grandes civilizações. Se os nativos americanos pré-colombianos tivessem tido "mais tempo", é provável que eles tivessem atingido o mesmo grau (ou semelhante) de desenvolvimento dos europeus ou dos chineses. E numa segunda medida, a disposição latitudinal do continente e suas características geográficas se configuraram como barreiras que dificultaram a disseminação e o intercâmbio de culturas e tecnologias entre as diferentes regiões do continente. Portanto a geografia teve *algum* efeito.

Entretanto, esses três argumentos são apenas um recorte e não resumem o esforço de resgatar a ideia das influências ambientais. Mais trabalhos devem ser feitos tanto para seu resgate quanto para sua disseminação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS

ANTUNES, T. H. C. S. Friedrich Ratzel e o Determinismo Geográfico: a construção de um estigma. **Revista Espaço e Geografia**, v. 24, n. 1, p. 149-168, 2021.

CARVALHO, M. Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844-1904). **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 2, n. 34, p. 1-11, 1997.

CARVALHO JUNIOR, I. J.; MORAES SOBRINHO, A. P. A perpetuação de mitos no pensamento geográfico: a ideia das influências ambientais e a falsa dicotomia determinismo/possibilismo. **Revista da ANPEGE**, v. 13, n. 22, p. 164-197, set. 2017.

CLARK, A. H. Geographical Change: A Theme for Economic History. **The Journal of Economic History**, v. 20, n. 4, p. 607-613, dez. 1960.

LA BLACHE, P. V. D. A Geografia Política a propósito dos escritos de Friedrich Ratzel. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 84-94, set. 2009a.

_____. Quadro da Geografia da França. **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, p. 141-145, set. 2009b.

LA BLACHE, P. V. D.; ZIMMERMANN, M. CHRONIQUE GÉOGRAPHIQUE. **Annales de Géographie**, v. 13, n. 72, p. 466-475, 1904.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. Tradução: Fátima Sá Correia; Tradução: Maria Emília V. Aguiar. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEWTHWAITE, G. R. Environmentalism and Determinism: A Search for Clarification. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 56, n. 1, p. 1-23, 1966.

MERCIER, G. A região e o Estado segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache. **GEOgraphia**, v. 11, n. 22, p. 7-36, fev. 2011.

PLATT, R. S. Environmentalism Versus Geography. **American Journal of Sociology**, v. 53, n. 5, p. 351-358, 1948.

RATZEL. O espaço da vida: um estudo biogeográfico. **GEOgraphia**, v. 21, n. 45, p. 107-116, 7 jun. 2019. [parte I].

_____. O espaço da vida [lebensraum]: um estudo biogeográfico (parte II). **GEOgraphia**, v. 21, n. 46, p. 120-130, out. 2019. [parte II].

_____. Lebensraum. **GEOgraphia**, v. 21, n. 47, p. 115-129, fev. 2020. [parte III].

_____. O solo, a sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 2, p. 93-101, 1983.

SANGUIN, A.-L. En relisant Ratzel. **Annales de Géographie**, v. 99, n. 555, p. 579-594, 1990.

SEEMANN, J. Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções. **Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 1, 6 nov. 2012.

SION, J. La seconde édition de la "Politische Geographie" de Mr Fr. Ratzel. **Annales de Géographie**, v. 13, n. 68, p. 171-173, 1904.

SLUYTER, A. Neo-environmental determinism, intellectual damage control, and nature/society science. **Antipode**, v. 35, n. 4, p. 813-817, set. 2003.

LIVROS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** Trad. Alfredo Bossi. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AUDI, R. **The Cambridge dictionary of philosophy**. 2 ed. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1999.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência política**. 10. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1994.

CLAUSEWITZ. Carl. **Da guerra**. Trad. Maria Tereza Ramos. São Paulo, 2010.

CLAVAL, Paul. **História da geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

COSTA, Nelson. **Ciência política**. 3. ed. Forense: Rio de Janeiro, 2012.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço**: os destinos das sociedades humanas. 24. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020 [1997].

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. kindle ed. Priberam Informática, 2019.

DIRLMEIER, Ulf; GESTRICH, Andreas; HERRMANN, Ulrich; HINRICHS, Ernst; JARAUSCH, Konrad; KLEBMANN, Christoph; REULECKE, Jürgen. **História alemã**: do século VI aos nossos dias. Lisboa: Edições 70, 2014.

EVANS, Richard. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

FEBVRE, L. **A geographical introduction to history**. London: Routledge & Kegan Paulk Ltd, 1925.

GRAEBER, D.; WENGROW, D. **O Despertar de Tudo**: uma nova história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora. [s.l.] Porto, 2013.

GROTZINGER, J. P.; JORDAN, T. H. **Understanding earth**. 7. ed. New York: W.H. Freeman and Company, a Macmillan Higher Education Company, 2014.

HAWKING, S. **Uma breve história do tempo**. Tradução: Cássio De Arantes Leite. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

HOBBES, Thomas. **Leviatã**: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo, Martin Claret, 2014.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário de filosofia básica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KITCHEN, Martin. **História da Alemanha moderna**: de 1800 aos dias de hoje. Trad. Claudia Duarte. São Paulo: Cultrix, 2013.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LACOSTE, Yves. **A geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Trad. Maria França. 19. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LALANDE, A.; CORREIA, F. S.; AGUIAR, M. E. V. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MARTIN, G. J. **All possible worlds**: a history of geographical ideas. 4. ed. New York: Oxford University Press, 2005.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo, Brasília: Ed. UNESP : NEAD, 2010.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**: tomo I. Tradução: Tradução: Maria Stela Gonçalves et al. São Paulo: Loyola, 2000.

MORAES. **Geografia**: pequena história crítica. 21. ed. São Paulo: Annablume: 2007.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NOZICK, R. **Anarquia, estado e utopia**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

RATZEL, F. A Córsega: estudo antropogeográfico. *In*: MORAES, A. (Org.). **Ratzel**: geografia. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1990a. p. 151-174

_____. As leis do crescimento espacial dos estados. *In*: MORAES, A. (Org.). **Ratzel**: geografia. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1990b. p. 175-192.

_____. As raças humanas. *In*: MORAES, A. (Org.). **Ratzel**: geografia. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1990c. p. 108-150.

_____. Geografia do homem. *In*: MORAES, A. (Org.). **Ratzel**: geografia. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1990d. p. 32-107.

_____. **Anthropogeographie**. Stuttgart, 1882–1891.

_____. **Politische Geographie**. München und Leipzig, R. Oldenbourg, 1897.

_____. **Der Lebensraum**: eine biogeographische Studie. Tübingen: H. Laupp, 1901.

SAHLINS, M. A primeira sociedade da afluência. *In*: CARVALHO, E. (Org.). **Antropologia econômica**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. p. 7-44.

SILVA, D. et al. **Manual Prático Para Elaboração De Trabalhos De Conclusão De Curso**. São Paulo: Blucher, 2020.

TZU, Sun. **A arte da guerra**. Trad. Neury Lima. São Paulo: Hunter Books, 2011.

TESES

CARVALHO JÚNIOR, I. J. **Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico e dos equívocos de sua crítica**: reflexões metodológicas, teórico-epistemológicas, semântico-conceituais e filosóficas como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza pelo prisma da ideia das influências ambientais. 2011. 677f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SITES

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “determinism”. Encyclopedia Britannica, 31 jan. 2020, https://www.britannica.com/topic/determinism. Acesso em: 29 jan. 2022.